

1. INTRODUÇÃO

1.1. ENSEJO/MOTIVAÇÃO

Tendo a consciência de que o ideal para a escolha do tema de monografia é que esta seja feita a partir de algo com o qual já tenhamos de antemão alguma afinidade, em parte fugi a este ideal. O ensejo de realizar um trabalho no campo da Educação à Distância (EAD) se deu primeiramente pela união de dois fatores. Primeiro a minha curiosidade em saber o que era a “Difusão do Conhecimento”, e segundo a minha profunda admiração à professora Teresinha Fróes Burnham que, coincidentemente, na época (2008.2) coordenava o Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, onde eu cursava o primeiro semestre do curso de pedagogia e, posteriormente minha orientadora de pesquisa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) no desafio de investigar a Gestão do Conhecimento pelas universidades estaduais em um projeto multi-institucional (na plataforma *Moodle*) de formação de professores para docência *online* (DOL).

Nesta oportunidade que tive em ser bolsista PIBIC também pude estar em contato com Maria Lídia Mattos que, com largo conhecimento teórico e prático nas áreas Currículo e EAD, ampliou meus horizontes acerca da Educação à Distância, exercendo paralelamente a Teresinha o papel de orientadora no projeto PIBIC e, conseqüentemente, neste trabalho de conclusão de curso. Digo que fugi em parte ao ideal de escolha do tema de monografia, pois não tinha, até então, afinidade com o campo da Educação à Distância, e confesso ter tido, antes de me desafiar a estudar sobre o assunto, certo preconceito formado pelos maus comentários e presságios que se encontrava (e ainda se encontra) no senso comum em relação à EAD, mais especificamente a que é realizada utilizando como principal suporte a internet. E foi neste trabalho de bolsa que fui provocado internamente a realizar minha monografia na área da EAD, e juntamente com o meu interesse prévio pelos temas referentes ao “sujeito”, me decidi por estudar os sujeitos docente e discente no exercício de seus papéis no programa multi-institucional de formação de professores para docência *online*.

Neste sentido, gostaria de destacar a importância pessoal do tema tratado neste trabalho que revela, em primeiro lugar, um novo ponto de vista sobre a modalidade educacional EAD, levando em conta os sujeitos que fazem acontecer todo o processo de ensino/aprendizagem, tendo em vista uma perspectiva de construção e reconstrução social e colaborativa do conhecimento, a qual particularmente defendo. E, por fim, o seu valor simbólico na “ontogênese” de minha formação como pesquisador, uma vez que o presente trabalho originou-se da oportunidade valiosa de ser bolsista PIBIC, muito embora a realização desta monografia não tenha estado contida no objetivo geral nem específico, tão pouco na meta estabelecida do plano de trabalho que desenvolvi como bolsista.

1.2. DA PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

Em 2008 11 PPG (Programa de Pós-Graduação) de 11 Universidades reuniram-se para experimentar e co-criar conhecimentos sobre formação de professores para docência *online*, sendo campo de pesquisa o curso veiculado na plataforma *Moodle* com suas interfaces de comunicação e colaboração. Conforme descrito na proposta do próprio curso, neste ambiente foi criado e “professorado” um curso de especialização sobre “formação de professores para docência *online*” sendo discutida e experimentada a construção do desenho de conteúdos e de atividades, bem como o planejamento das atividades envolvendo docência e aprendizagem para a sala de aula *online*. Neste ambiente virtual, cada PPG com sua equipe de pesquisadores produziu um ou dois módulo(s) do curso, exercendo a docência do(s) mesmo(s), assumindo, em módulos criados e lecionados por pesquisadores de outros PPG’s, o papel de discentes, possibilitando a concretização desta pesquisa interinstitucional. Tal curso, por contar com grandes instituições de ensino superior, ganhou grande destaque e prestígio em âmbito nacional, assumindo a proposta de formação específica para o professor da EAD, porém, o público externo não tem acesso ao mesmo e desconhece como foi construído e desenvolvido segundo a proposta metodológica de construção colaborativa do conhecimento.

Partindo desta observação, **o problema** aqui investigado é como se expressaram, nos registros armazenados na plataforma *Moodle*, os papéis de docente e de discente nesse curso multi-institucional, tendo como **principal objetivo** analisar, a partir dos registros do referido curso, as ações realizadas pelos pesquisadores, tanto no papel de docentes quanto de discentes no exercício de ensino e aprendizagem, tomando os fóruns de discussão como foco de estudo. Desta forma, este objetivo se desdobra em: analisar como se deu a interação destes sujeitos através do suporte tecnológico oferecido pela plataforma *Moodle*; discutir criticamente os papéis imbricados nas condições dos sujeitos enquanto discentes ou docentes; analisar e discutir a dimensão subjetiva do exercício dos papéis enquanto discente ou docente, a partir da análise do discurso e; contrastar os resultados empíricos encontrados entre as diferentes categorias analisadas.

2. JUSTIFICATIVA

A lei nº 9394/96, conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em seu Art. 80 compromete o poder público ao incentivo ao desenvolvimento de programas de ensino à distância em todas as modalidades de ensino na educação formal e na formação continuada, bem como em todos os níveis de todas estas modalidades; neste sentido, o ensino à distância aparece também como um suporte para atividades ou programas pontuais, buscando superar os limites do tempo e espaço presentes nas modalidades presenciais. Porém, nove anos após a publicação da LDB, é publicado o decreto nº 5.622/05 (que objetiva regulamentar o Art. 80 da referida lei), que em seu Art. 1º caracteriza a EAD como modalidade educacional que se utiliza de meios e tecnologias de informação e comunicação a fim de possibilitar que professores e alunos possam desenvolver atividades em lugares ou tempos distintos.

Com este decreto, o ensino a distância passa a ganhar maior autonomia para ministrar os cursos que venha a oferecer, garantindo à mesma o mesmo peso, responsabilidade, credibilidade e validade atribuídos às modalidades presenciais, conforme descrito em seu Art. 3º com seus parágrafos:

Art. 3º A criação, organização, oferta e desenvolvimento de cursos e programas a distância deverão observar ao estabelecido na legislação e em regulamentações em vigor, para os respectivos níveis e modalidades da educação nacional.

§ 1º Os cursos e programas a distância deverão ser projetados com a mesma duração definida para os respectivos cursos na modalidade presencial.

§ 2º Os cursos e programas a distância poderão aceitar transferência e aproveitar estudos realizados pelos estudantes em cursos e programas presenciais, da mesma forma que as certificações totais ou parciais obtidas nos cursos e programas a distância poderão ser aceitas em outros cursos e programas a distância e em cursos e programas presenciais, conforme a legislação em vigor.

E além da autonomia para existência e funcionamento de cursos à distancia, o citado decreto também prevê um sistema peculiar de avaliação conforme disposto em seu Art. 4º:

Art. 4º A avaliação do desempenho do estudante para fins de promoção, conclusão de estudos e obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo, mediante:

I - cumprimento das atividades programadas; e

II - realização de exames presenciais.

§ 1º Os exames citados no inciso II serão elaborados pela própria instituição de ensino credenciada, segundo procedimentos e critérios definidos no projeto pedagógico do curso ou programa.

§ 2º Os resultados dos exames citados no inciso II deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação a distância.

Tanto o citado artigo, quanto o decreto que o regulamenta, sinaliza que a EAD é uma realidade que vem se estabelecendo no cenário da educação brasileira, ganhando importância em dimensão política, educacional, econômica e social, agora reconhecida e regulamentada por lei. No entanto, pouco se tem discutido, tanto do ponto de vista legal, quanto dos estudos acerca do assunto, a respeito da dimensão do sujeito nesta modalidade educacional, diferente do que ocorre nos processos da educação presencial, onde esta discussão é bastante intensa e com a contribuição de vários ramos do conhecimento, tais como a Psicologia, Sociologia, Antropologia, História, dentre outros.

Em experiências anteriores através de pesquisa em meios digitais e impressos a cerca do assunto, a maior parte dos materiais encontrados referiam-se às possibilidades e à potencialização que as novas tecnologias da informação e comunicação (TIC) trazem ou podem trazer aos processos de ensino e aprendizagem, a validade da utilização destes meios tecnológicos, métodos e práticas de ensino à distância, a EAD na perspectiva histórica (em contexto amplo ou em casos específicos), e formação de professores para atuação nesta modalidade de ensino e, tendo em vista que:

Estudar o desenvolvimento da educação a distância implica, fundamentalmente, identificar uma modalidade de ensino com características específicas, isto é, uma maneira particular de criar um espaço para gerar, promover e implementar situações em que os alunos aprendam. (LITWIN, 2001, p. 13 apud GARCIA, 2010, p.155)

Pode-se concluir, juntamente com a leitura e compreensão do Decreto nº 5.622/05 que, por ser dotada de especificidades, lhe atribuindo características que, em alguns pontos, lhe diferencia das modalidades presenciais, é de fundamental importância que os estudos sobre os sujeitos da EAD tomem uma proporção e importância maior (assim

como é para a modalidade presencial), uma vez que o advento da tecnologia interfere nos processos de ensino e aprendizagem, sobretudo nesta que se utiliza da internet, e para além, refletir sobre a nova cultura digital, acesso e acessibilidade em relação à mesma. Por este motivo, o presente trabalho se propõe a realizar uma discussão/reflexão sobre os sujeitos discente e docente na modalidade EAD, analisando a interação entre estas duas categorias de sujeitos através da tecnologia em um curso multi-institucional de docência *online*.

3. CAMINHO DA INVESTIGAÇÃO/ PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Fundamentalmente, para o desenvolvimento desta pesquisa, foi necessário o uso de computadores ligados a internet para a realização da prospeção inicial do campo empírico, e organização digital dos dados encontrados a fim de buscar referências pertinentes ao assunto e que estivessem dispostos em sites confiáveis. Além disso, foi necessária também a consulta a artigos, revistas especializadas, livros e vídeos que tratassem dos pontos abordados. Trata-se de um estudo de caso de natureza qualitativa e exploratória, tomando por base as concepções sócio-interacionistas (VYGOTSKY, 1998) e da linguagem como o lugar da constituição da subjetividade (ORLANDI, 2007).

3.1. PROSPEÇÃO INICIAL E DEFINIÇÃO DO CAMPO ESPECÍFICO DE ESTUDO

Nesta prospeção foram observados os recursos que o ambiente *Moodle* ofereceu para a execução de atividades, a maneira como os módulos foram previamente estruturados e desenvolvidos no decorrer do curso, o uso e frequência da utilização dos recursos disponíveis no ambiente, bem como a maneira como foram trabalhados, interação entre as pessoas envolvidas diretamente no processo de ensino e aprendizagem dentro daquele contexto, além dos processos de mediação e construção colaborativa do conhecimento, uma vez que esta última fazia parte da proposta do curso.

Os recursos identificados dentro do ambiente *Moodle* foram:

Audio Recorder;

Base de Dados;

Chats;

Diários;

Enquetes;

Escolhas;

Fóruns;

Glossários;
 Livros;
 Mediacenter;
 Pesquisas de Avaliação;
 Recursos;
 Tarefas;
 Wikis.

Dentro do ambiente também foi identificado um espaço chamado “ATIVIDADES”, onde eram disponibilizados, em sequência, links para os supracitados recursos. Cada um desses links abre a respectiva página, com uma lista de todos os que foram utilizados, por categorias organizadas numa ordem cronológica crescente. Deste modo foi possível verificar de uma maneira mais ampla quais foram os recursos mais utilizados para o exercício do processo ensino-aprendizagem.

Além deste espaço, dentro dos respectivos módulos era possível acessar as atividades realizadas, quantificar o número delas e a participação dos sujeitos (quando possível) em cada um destes recursos conforme mostra a tabela a seguir.

Quadro 01 – Quantificação de atividades¹

MÓDULO / INSTITUIÇÃO	RECURSOS TRABALHADOS							
	Chats	Escolha	Fóruns	Glosário	Livros	Recurso	Tarefas	Wikis
M03	NQ	7	211	NQ	NQ	NQ	NU	NQ
M07	NQ	NU	61	NQ	NQ	NQ	NQ	NQ
M11	NQ	NU	107	NU	NU	NQ	NU	NQ

Legenda:

Números - total de participações

¹ Os recursos Audio Recorder, Base de Dados, Diários, Enquetes, Media Center e Pesquisas de Avaliação não foram agregados no quadro porque não foram utilizados por nenhum dos módulos citados, garantindo melhor visualização dos resultados por não estarem ocupando espaço no referido quadro.

NQ - recurso disponibilizado no respectivo módulo porém não possibilita a quantificação de participação

NU - recurso não utilizado no respectivo módulo/instituição

Após esta primeira prospeção, foi necessária uma delimitação mais específica do campo empírico a ser investigado, uma vez que se percebeu ser inviável a análise de todo o ambiente, por ser muito amplo e armazenar muitas informações. Deste modo, delimitou-se como campo específico de análise os **fóruns**, pois observou-se que foi o recurso mais utilizado nos módulos, além de ser o espaço em que os sujeitos se manifestavam com maior clareza quanto ao seu papel como discente ou docente em um dado momento, em determinada situação ou atividade.

3.2 ABORDAGENS METODOLÓGICAS ESCOLHIDAS

Em sequência foi necessário definir as abordagens metodológicas específicas para a realização do estudo. Para tal, foram escolhidas três delas que, combinadas, dariam condições para alcançar os objetivos estabelecidos.

3.2.1 O Contato-Imersão

A primeira, visando o aprofundamento da própria prospeção, foi o **contato-imersão**, por se tratar de pesquisa em um campo onde o pesquisador não tinha, de antemão, informações sobre a realidade concreta do ambiente a ser investigado. Fez-se necessário, portanto, iniciar a pesquisa explorando e vivenciando, intensamente, o ambiente *Moodle* para poder, a partir de então, definir outros procedimentos metodológicos para a investigação. Esta escolha tomou como base um referencial que, apesar de ser construído para o trabalho com grupos presenciais, ajudou a entender que

No estudo de campo, o pesquisador realiza a maior parte do trabalho pessoalmente, pois é enfatizada importância de o pesquisador ter tido ele mesmo uma experiência direta com a situação de estudo. Também se exige do pesquisador que permaneça o maior tempo possível na comunidade, pois somente com essa imersão na realidade é que se podem entender as regras, os costumes e as convenções que regem o grupo estudado. (GIL, 2002, p. 53)

Neste sentido, o trabalho de pesquisa baseou-se numa imersão no campo empírico a fim de levantar informações que possibilitassem contrastar o ali encontrado com as

bases teóricas, imersão esta que se deu durante todo o processo.

Neste momento, foi possível verificar que, para além do descrito na ficha de cada sujeito participante, (instrumento usado para a inscrição no referido curso), o seu perfil de atuação em todas as atividades era revelado através do Discurso. E ainda, que é através dele que cada sujeito se “materializa” ou se personifica dentro do ambiente virtual, revelando também suas ações no “contexto” e nos processos (“interação”, “mediação”)².

3.2.2 A Análise de Discurso

Em decorrência desta constatação, o segundo procedimento metodológico adotado foi a **Análise de Discurso**, que não leva em conta somente o texto disposto, explícito (neste caso o escrito, gravuras ou qualquer outro tipo de ilustração, bem como outras formas de representação da informação), mas, além deste, o não escrito, a situação (contexto) e o próprio sujeito (quem), os modos como se expressa (como), sua motivação e sua intenção, que dão origem ao curso/percurso da palavra em movimento na prática da ligação que gerou o Discurso a ser analisado (ORLANDI, 2007).

A proposta intelectual em que se situa a Análise de Discurso é marcada pelo fato de que a noção de leitura é posta em suspenso. Tendo como fundamental a questão do sentido, a Análise de Discurso se constitui no espaço em que a linguística tem a ver com a Filosofia e com as Ciências Sociais. Em outras palavras, na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.

Para trabalhar o sentido – definido não como algo em si mas como “relação a”, segundo Canguilhem (1980) – a Análise de Discurso reúne três regiões de conhecimento em suas articulações contraditórias: a. a teoria da sintaxe e da enunciação; b. a teoria da ideologia e c. a teoria do discurso que é a determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica. (ORLANDI, 2007, p. 25)

Não haveria outra possibilidade de perceber a interação entre os sujeitos senão

² Os termos “mediação” e “interação” utilizados neste trabalho baseiam-se na perspectiva sócio-histórica, tendo o materialismo histórico-dialético como plano de fundo conforme a obra *Pensamento e Linguagem* de Lev Semenovitch Vygotsky (1998). A descrição dos termos também podem ser consultados no glossário deste trabalho.

pelo discurso produzido pelos mesmos, entendendo que não basta apenas ler o que está escrito, mas compreender o que está posto para além das palavras, e a escolha de este procedimento metodológico, em particular, se reforça quando compreendemos que:

Ao falarmos nos filiamos a redes de sentidos mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. Por que somos afetados por certos sentidos e não outros? Fica por conta da história e do acaso, do jogo da língua e do equívoco que constitui a nossa relação com eles. Mas certamente o fazemos determinados por nossa relação com a língua e com a história, por nossa experiência simbólica e de mundo, através da ideologia. Por isso a Análise de Discurso se propõe construir escutas que permitam levar em conta esses efeitos e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina mas que produz seus efeitos. Essa nova prática de leitura, que é discursiva, consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 2007, p. 34)

Como dito anteriormente, dentre as diversas formas de realização de atividades disponibilizadas pelo *Moodle*, foi escolhida para análise nesta pesquisa os fóruns, no entanto ainda assim foi necessária a delimitação do recorte específico, ou seja, do *Corpus* (SANCHES, 2011; FRÓES BURNHAM, 2005; LAGO & FRÓES BURNHAM, 2010; ORLANDI, 2007) a ser analisado.

Em termos do volume de material para análise nas 03 (três) universidades estaduais que integravam ao programa em questão, conseguiu-se identificar a soma de 22 (vinte e dois) fóruns e 379 (trezentos e setenta e nove) postagens. O número de postagens neste conjunto foi considerado excessivo para a análise que se pretendia realizar, em relação ao tempo disponível para este estudo e, assim sendo, foi necessário definir critérios de seleção dos registros a serem analisados.

Como o que interessa a este trabalho são as postagens³ feitas pelos participantes nesse espaço, os critérios iniciais de seleção do *Corpus* a ser analisado foram: a. opção pelo fórum com maior número de postagem dentre os respectivos módulos de cada uma

³ Postagens são consideradas as contribuições apresentadas pelos participantes (quer no papel de docente ou de discente) na discussão do tópico dos respectivos fóruns, quer em linguagem verbal escrita, imagética, ou outras formas de representação do conhecimento.

das 03 (três) universidades; b. exclusão dos tópicos cujo objetivo foi a apresentação dos membros entre si ou de boas vindas, mesmo se esses estivessem incluídos no critério acima; c. destaque, em cada postagem, de extratos significativos em termos do tópico da discussão; d. identificação das formas de participação (“presencialidade virtual”), conforme explicitado na seção final deste capítulo.

Para a realização da Análise de Discurso nos fóruns, foi elaborada uma tabela específica com os elementos essenciais e as categorias previamente definidas para a análise das contribuições postadas⁴. Para preservar a identidade dos sujeitos em questão, os nomes dos indivíduos foram substituídos por um código numérico que foi desenvolvido⁵, e para evitar a identificação das instituições/grupo de pesquisa analisados, os nomes das mesmas foram substituídos por um código alfa numérico⁶, já os títulos dos módulos avaliados foram mantidos, bem como os títulos dos fóruns e/ou tópicos. Vale ressaltar que a integridade dos textos postados foi mantida, sem qualquer alteração ou correção, mesmo após a sua estratificação.

3.2.3 A Análise Contrastiva

Por fim, como terceira abordagem para a concretização da pesquisa, foi escolhida a Análise Contrastiva (FRÓES BURNHAM, 2002), buscando identificar relações entre os achados empíricos, as categorias analíticas e os referenciais teóricos levantados nas produções dos autores estudados. Neste processo, cada fonte de informação (o discurso dos sujeitos) serão organizados em categorias (Análise Vertical), a partir daí cada categoria formará um conjunto de análise respectivamente (Análise Horizontal), para então ser feita uma articulação entre as análises anteriores (Análise Transversal), possibilitando uma síntese estruturada dos resultados (SANCHES, 2011), conforme será detalhado no capítulo 6.

3.3 O FOCO NA “PRESENCIALIDADE VIRTUAL”

⁴ A serem explicitados no capítulo 5

⁵ Explicação a respeito do código também no capítulo 5

⁶ Idem nota nº 5

Para ser possível definir uma forma de analisar como os sujeitos discente e docente desempenharam seus papéis nos processos de interação (sujeitos entre sujeitos), e interatividade (sujeitos com as tecnologias), foi preciso que antes fossem estabelecidos os tipos de participação. Assim sendo, no processo contínuo de prospeção empírica, constatou-se que essas participações emergiam nas postagens, que representavam os modos como os sujeitos desempenhavam os seus papéis e expressavam os conteúdos de suas contribuições.

Partindo da lógica de que o simples fato de estar matriculado no curso confere aos sujeitos permissões necessárias para a sua integral participação dentro do ambiente *Moodle*, na categoria que lhes é atribuída (tutores, coordenadores, docentes ou discentes), esses sujeitos podem se revelar através de uma “presencialidade virtual”, que pode tomar forma de ausência ou presença nas diversas atividades.

Ao observar os fóruns de discussão, notou-se que uma parte significativa dos inscritos não participou efetivamente de todos eles; logo, esta não participação foi caracterizada como ausência temporária (primeira categoria), uma vez que esses participantes continuaram inscritos e se mostraram participativos em outros momentos ou outros fóruns de discussão.

A segunda categoria emergente quanto à forma de “presencialidade virtual” foi a presença, requisito básico para atuação nos fóruns de discussão. É certo que o próprio ambiente registra a entrada do participante, independente do fato de executar alguma atividade ou não, porém, a informação de todos os acessos feitos pelos usuários no ambiente, bem como todos os links e páginas acessadas não fica permanentemente disponível nem acessível a todos, apenas a data do último deles. Por esta razão a presença do participante foi considerada sempre que fez pelo menos uma postagem – por mais simples que seja – no fórum em análise.

Como a presencialidade em forma de presença pode se manifestar de diversas maneiras e intensidades, foi necessário desdobrá-la para melhor compreender como se manifesta. Inspirado no artigo de Lago & Fróes Burnham (2010), que desdobram os modos de participação dos sujeitos em três categorias: “sujeito participante”, “sujeito

contribuidor” e “sujeito interventor”, neste trabalho foram, também, definidas categorias de participação dos sujeitos nos fóruns a partir das quais foi possível observar na dinâmica em que o processo de discussão nos mesmos ocorreu.

Os modos percebidas da presencialidade dos sujeitos aqui foram definidas como “sujeito contribuinte”, “sujeito interventor”, “sujeito participante” e “sujeito propositor”⁷. Além dos aspectos respectivos de contribuição na discussão, intervenção no curso ou elucidação para ampliação da discussão; simples participação; ou até mesmo a proposição de novas questões, também foi dada atenção às questões peculiares de cada sujeito, explícitas ou implícitas de seu cotidiano particular que, de alguma forma, influenciaram no exercício de seus papéis dentro do curso no momento do fórum em questão.

Mas antes de tratarmos das questões essencialmente referentes ao sujeito, é bom compreendermos em qual contexto este está localizado, deste modo devemos conhecer minimamente como a EAD vem se estabelecendo no cenário nacional nos últimos anos.

⁷ Os significados destas categorias para este trabalho se encontram descritas no Glossário

4. EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E SEUS SUJEITOS

4.1. UMA BREVE SÍNTESE DA EAD NO BRASIL

Durante o final do século XX e, principalmente a primeira década do século XXI, há uma grande expansão dos cursos EAD ou os chamados Cursos de Ensino a Distância, tendo como principal recurso o uso da rede mundial de computadores (internet), sendo o computador a principal ferramenta de trabalho nesta modalidade educacional. No artigo de Costa & Faria (2008) intitulado “*EAD – Sua Origem Histórica, Evolução e Atualidade Brasileira Face Ao Paradigma da Educação Presencial*”, resultado de um trabalho de pesquisa que tinha como objeto o estudo da relação da EAD no Brasil com a Educação presencial são apresentadas informações do INEP/MEC (*Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa/Ministério da Educação*) que mostram o crescimento quantitativo de cursos oferecidos na modalidade EAD, como também o crescimento de matrículas realizadas em tal modalidade, desde o ano 2000 até o ano de 2006. No citado artigo há a exposição de alguns gráficos, em um destes os autores expõem que:

Analisando os dados do Censo, é possível constatar um crescimento no número de cursos ofertados na modalidade a distância superior a 500%. O número de instituições também registrou significativo crescimento, principalmente, no período entre 2003 e 2006. (COSTA & FÁRIA, 2008, p. 07)

Os dados mostram o número de cursos EAD no ensino superior: 2000 (10); 2001 (16); 2002 (46); 2003 (52); 2004 (107); 2005 (189); 2006 (349). Em relação aos dados de outro gráfico, que diz respeito ao aumento do número de instituições de ensino superior a oferecerem cursos na referida modalidade, os autores comentam que o:

[...] número de matrículas nos cursos registrou crescimento significativo apesar de não ser equivalente ao número de cursos. Esse crescimento pode ser reflexo da resistência que ainda existe com relação aos cursos a distância. Analisando o gráfico abaixo[...] é possível concluir que o número de matrículas em cursos de graduação na modalidade a distância registrou no período um crescimento superior a 200%. (COSTA & FÁRIA, 2008, p. 08)

Segundo os dados expostos na referida pesquisa, é possível perceber o quanto a modalidade de EAD vem se expandindo no país; no entanto é necessário ter o mínimo de conhecimento acerca de como este crescimento vem se estabelecendo no cenário e contexto brasileiro para compreender os motivos deste crescimento, suas limitações e potencialidades. Mas antes vale a pena ressaltar que, atualmente, na maioria das vezes, as referências à modalidade EAD, tem considerado apenas os cursos que são oferecidos através do uso dos computadores interligados a internet, que nada mais é que uma das suas possibilidades, a mais recente, porém não a única existente, podendo a EAD ser realizada a partir de diversos outros suportes de informação e comunicação.

É possível encontrar diversos textos que retratam a EAD em seu contexto mais amplo, não restringindo-se apenas a que se utiliza da internet como principal suporte de execução das atividades, como no texto de VASCONCELOS (2005, p. 01), expondo que:

Ao contrário do que muitos pensam, a Educação à Distância (EAD) não é um instrumento recente a serviço do ensino. Seus experimentos iniciais remontam ao início século XIX e vão ganhar impulso no fim daquele século, sendo hoje um poderoso instrumento de ensino, ainda mais quando os recursos da Informática são utilizados em seu apoio.

Ainda na mesma obra, o autor cita alguns exemplos de cursos que existiram no Brasil se valendo de diferentes meios de comunicação e informação como o *Telecurso Segundo Grau e o Telecurso 2000*; *Canal Futura*; o programa *Nossa Língua Portuguesa* – TVE. Ainda cita a *Rádio Sociedade do Rio de Janeiro* (1923/1925); a *Fundação Roquete Pinto* – Radiodifusão (1923); a *Marinha e Exército* – cursos por correspondência (1939); *Instituto Universal Brasileiro* – cursos por correspondência para formação profissional básica (1941), dentre outros.

Apesar da ocorrência de todos os eventos supracitados, ainda faltam estudos acerca dos sujeitos envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem nesta modalidade, principalmente os sujeitos discente e docente, este segundo mais abordado que o primeiro, contudo, como tem sido tratado nos principais estudos a cerca do assunto, a ênfase maior é dada em relação a sua formação para atuar nesta modalidade

de ensino, sendo necessário também compreender como seus conhecimentos são aplicados na prática de seu exercício de docência, e como se dá a sua relação com a tecnologia e sua relação com o sujeito de contrapartida, o discente.

Esta ‘falta’ em relação à consideração dos sujeitos não é notável somente na grande maioria dos estudos relativos à EAD, é perceptível no próprio Art. 80 da LDB que trata da EAD, como no próprio decreto que o regulamenta. O Art. 80 da Lei nº 9.394 / 96 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB está organizado em quatro parágrafos que dizem o seguinte:

§ 1º A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas. (Regulamento)

§ 4º A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

Podemos perceber que os três primeiros parágrafos tratam de questões burocráticas administrativas como credenciamento dos cursos à distância, sobre o regulamento dos mesmos e as formas de avaliação. O parágrafo 4º não aborda diretamente os sujeitos imbricados nos processos da EAD, porém, é o único que dá margem à acessibilidade e proximidade destes para com esta modalidade educacional, uma vez que cita a utilização de meios de comunicação de massa e amplamente difundidos, prevendo facilitar o acesso das pessoas aos cursos à distância. No entanto, segundo uma análise crítica elaborada pelo Prof. João Roberto Moreira Alves, presidente da ABT (Associação de Tecnologia Educacional) no texto “Estudo sobre o

decreto 5.622”, decreto que tem o objetivo de regulamentar o tratado artigo, em sua abordagem detalha apenas os três primeiros parágrafos por estarem mais atrelados ao MEC, sendo o 4º parágrafo menos contemplado por estar mais relacionado ao Ministério das Comunicações.

No ensejo desta discussão, o que se percebe acerca da modalidade educacional a distância no Brasil, é que esta é tratada como solução “prática” e a baixo custo para problemas tais como a falta de infraestrutura física o suficiente para atender as demandas de formação da modalidade presencial, a “falta” de recursos para a contratação de ampla rede de recursos humanos para trabalhar nestes espaços físicos necessários às modalidades presenciais, o alto custo para a manutenção destas estruturas físicas, dentre outros. Além destes aspectos relativos ao espaço e aos recursos humanos (quantitativamente falando), a modalidade EAD traz consigo uma outra vantagem que diz respeito ao tempo, que neste caso se apresenta possibilidades para o trabalho assíncrono e flexível. Talvez esta característica seja a que se aproxima mais da realidade do sujeito (pessoa) da EAD evidenciada nos dispositivos legais da União, mais precisamente no Decreto nº 5.622 de dezembro de 2005, já que esta característica não aparece nem mesmo no art. 80 da atual LDB.

Esta reflexão sobre a proximidade da característica “tempo” em relação aos sujeitos da Educação a Distância surge da observação minuciosa do Decreto 5.622 por inteiro, percebendo que os sujeitos professor e aluno, ou seja, os docentes e discentes desta modalidade, aparecem apenas em seu Art. 1º, sendo concedida a eles também a vantagem da não obrigatoriedade de ocupação de um espaço físico específico para o desenvolvimento das atividades de ensino e aprendizagem, com exceção do descrito no inciso II do Art. 4º do referido decreto, que determina a realização de exames presenciais para a avaliação (parcial) do desempenho do estudante.

Estas vantagens relativas ao tempo e ao espaço é que caracterizam as reais necessidades dos sujeitos que participam deste processo, principalmente os discentes, que geralmente procuram esta modalidade justamente para solucionar problemas relativos à indisponibilidade de tempo específico para frequentar as aulas nas modalidades presenciais, ou por conta da não proximidade física de sua residência em

relação a uma instituição física que ofereça a formação desejada.

No Ciberespaço, não há unidade de tempo nem de espaço, não existe demarcação entre noite e dia, perto e longe; tudo está presente aqui e agora. O espaço digital rompe com as fronteiras geográficas, transforma valores políticos, sociais e culturais; traz referências e projeções das comunidades globais, e vice-versa. Isso conduz a uma interação entre diferentes pessoas, divergências de pensamentos e de percepções sobre a realidade. (GARCIA, 2010, p. 152)

É fato que o sujeito pouco aparece nos instrumentos legais que tratam da EAD, e esta, aliás, é citada em um único artigo da LDB no Capítulo VIII do Título V que trata Das Disposições Gerais, mesmo sendo considerada uma modalidade de ensino, assim como a Educação Especial, por exemplo, que possui um capítulo próprio (Capítulo V do título V). Neste sentido, há a possibilidade de entender que a EAD aparece na LDB como algo menor, e que somente cresce, em termos legais, nove anos após a sua publicação a partir do decreto que a regulamenta. Mas há de se considerar que, para além das necessidades que a modalidade a distância se propõe a atender, com a popularização das novas tecnologias da comunicação e da informação, surge também uma nova cultura.

A cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas culturais que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. (LÉVY, 1999, p. 15; apud GARCIA, 2010, p. 152)

Assim como o próprio Prof. João Roberto Moreira Alves afirmou em seu texto que o decreto 5.622 provavelmente tenha que ser rescrito, é possível afirmar, também, ao menos em relação da EAD, que a própria LDB – ou pelo menos o que aí diz respeito a EAD – também deva ser rescrita, isto para que lhe seja garantida o destaque que carece na própria redação da referida lei, e quem sabe, estejam mais presentes as considerações pertinentes aos sujeitos que tornam este processo possível.

Somente para enfatizar, é bom lembrar que, no contexto atual, há pelo menos duas grandes situações, tendo em vista que as novas tecnologias da informação e comunicação já são parte da realidade cotidiana de muitas pessoas, e de outras nem tanto. Deste modo é necessário pensar na EAD nas perspectivas já apontadas

anteriormente, a fim de atender a diferentes públicos, com diferentes condições sócio-econômicas, procurando garantir acesso de pessoas aos cursos que lhes garantam a formação desejada, independente de seu acesso às tecnologias telemáticas que se expandem por conta da globalização advinda da crescente predominância do capitalismo, gerando com isso uma nova cultura.

A partir do breve relato de como a EAD veio se estabelecendo no Brasil nos últimos anos, e da rápida compreensão de como os sujeitos docente e discente vêm sendo (des)considerados em todo este processo de expansão dos chamados cursos à distância, pode-se evidenciar um dos problemas que acomete tal modalidade de ensino, que é o desconhecimento dos sujeitos que participam neste processo. Tal desconhecimento, certamente interfere na qualidade dos cursos EAD especialmente na visibilidade necessária desses sujeitos, tanto entre si como para as instituições promotoras / responsáveis pela EAD no País. Esta visibilidade possibilitaria o incentivo dos órgãos competentes quer no investimento, tanto financeiro quanto em recursos humanos, quer em políticas de atendimento às necessidades da população, quer ainda em ampliação de alternativa de programas ou outros meios que tornassem a EAD uma modalidade de ensino com qualidade cada vez maior, caminhando para, enfim, tornar-se referência.

Tratar deste tema, os sujeitos da EAD, é algo complexo, pois se precisa falar da subjetividade de pessoas que não se vê, efetivamente; apenas se percebe através da tecnologia, observando seus discursos, suas produções, “presencialidade virtual” ou seus avatares. E por este motivo se faz necessário que haja investimento neste sentido, para que os sujeitos ainda incompreendidos deixem gradativamente de assim sê-los, lhes garantindo visibilidade, visando a que se desenvolva em nosso país uma EAD que compreende os seus sujeitos e suas necessidades, lhes garantindo elementos essenciais para o bom desenvolvimento de seu curso-percurso em sua formação, seja ela em que nível for.

4.2. CONSTRUÇÃO DA CONCEPÇÃO DE SUJEITO DA EAD

A rápida compreensão de como a EAD veio se estabelecendo no cenário brasileiro

é importante para termos uma noção de como os sujeitos estão presentes (ou não) neste processo, porém, antes de discutirmos as relações que os sujeitos discente e docente exercem entre si através da tecnologia, é importante perceber que há duas (forma)ações que distinguem muito em função de um imaginário social. Deste modo, compreender que temos dois substantivos que ao lado do “sujeito” o adjetiva, logo, lhe confere propriedades que difere uma categoria de sujeito do outro e, a depender de qual substantivo (discente ou docente) o sujeito incorpore como adjetivo, ou seja, qualidade ou efeito de ser, este assume um papel social diferente, imbuído de certos direitos e deveres, bem como maneiras de comportar-se socialmente frente ao contexto em que se insere, neste caso a EAD. Para compreender esta relação, basta analisarmos o sentido linguístico dos termos aqui tratados, deste modo definindo, através da língua, o sentido social que lhes damos. Vejamos então como podemos entendê-los a partir da descrição destes significantes pelo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (Dicionário *Online*), dados separadamente.

Sujeito: 1ª pess. sing. pres. ind. de sujeitar; masc. sing. part. pass. de sujeitar [...] s. m. 7. Indivíduo de quem se omite o nome. 8. Homem. 9. Gram. Lóg. Pessoa ou coisa de que o verbo afirma ou nega alguma propriedade ou atributo.

Neste sentido, podemos perceber que o “sujeito” é compreendido como a pessoa (7. *Indivíduo de quem se omite o nome.*) a que se refere determinada ação ou contexto (9. *Gram. Lóg. Pessoa ou coisa de que o verbo afirma ou nega alguma propriedade ou atributo*), e, “8. *Homem*”, como todo e qualquer indivíduo pertencente à espécie humana ou *Homo sapiens*, sendo este o termo genérico, que denomina toda e qualquer pessoa.

Em relação ao termo docente: “[...]adj. 2 g. s. 2 g. Relativo a professores; que ensina”. Nesta definição pode-se perceber que o referido adjetivo classifica a pessoa que exerce a ação de ensinar, daí pode-se também compreender o subtexto no contexto do ato de ensinar, que nos remete àquele que contém em si a experiência necessária para desempenhar tal função, bem como um repertório de conhecimentos necessários para tal finalidade, além de ser, por lei (no contexto institucional), aquele que possui licença para desempenhar esta função.

Já a definição do termo discente nos diz: “[...]adj. 2 g. 1. Relativo a alunos

(ex.: corpo discente). 2. Que aprende. = ESTUDANTE, ESTUDANTIL”. Aí já é possível notar uma classificação diferente da pessoa em relação à definição do termo anterior, aqui o termo discente classifica a pessoa que desempenha o papel de aprendiz.

Como percebido nas definições dadas acima, a cada um dos sujeitos lhe é atribuído um papel (modo de atuação) distinto que os diferenciam um do outro, logo, na relação existente entre os sujeitos docentes e discentes, existem dois verbos (um para cada) essenciais ligados a estes. O primeiro (não em sentido de ordem nem causa) é “ensinar”, este geralmente mais relacionado aos docentes, e o segundo (não em sentido de ordem nem efeito) é o verbo “aprender”, este geralmente mais relacionado aos sujeitos discentes. É fato que esta idéia já não seja mais tão válida nas discussões pedagógicas atuais, porém, no imaginário das pessoas, ensinar e aprender remete a imagem de atividade e passividade. Nesta relação quem ensina é o sujeito ativo da ação, e quem aprende, é o sujeito passivo da ação nesta mesma relação.

Mesmo que a mediação possa ser exercida por qualquer sujeito independentemente do fato de ser discente ou docente, a responsabilidade da mesma é mais fortemente atribuída ao docente, neste caso o principal proponente de questões e incentivador da participação dos demais membros no contexto de ensino e aprendizagem. Neste sentido, lhe fica a cargo a mediação pedagógica que, diferente de qualquer outro tipo de mediação, tem a finalidade clara de proporcionar o aprendizado, sendo ela minimamente programada para o cumprimento da citada finalidade. Garcia (2010, p. 162) ainda fala desta relação (docente e mediação), na EAD, não desconsiderando a participação do discente, afirmando que:

a presença do docente-mediador é tão importante quanto na educação presencial, visto que é ele, mais do que nunca, peça fundamental para a construção de um norte, conjuntamente com o aprendiz, considerando os pressupostos éticos e estéticos da produção do conhecimento coletivo.

A partir destes sentidos (sujeito, discente, docente – paralelamente – ensinar, aprender), é possível compreender como as relações são construídas. Isto se dá pelo fato de que as palavras não só significam algo, mas representam sentidos, estabelecem papéis e relações de poder, originam um discurso que é social, socialmente

compreendido e executado pelo todo social, capaz de estabelecer paradigmas de comportamento. E é através da língua, do jogo de significados, da ideologia coletiva ou institucionalizada, que as formas de ser e agir são engendradas e, considerando que as relações de poder não são necessariamente estáticas, mas conflituosas (em sentido dialético), é importante lembrar que Foucault (2010b, p. 11.) nos traz uma reflexão sobre esse jogo de poderes, definindo o poder como:

[...] um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades aonde se vêm inscrever o comportamento dos sujeitos atuantes: ele incita, ele induz, ele contorna, ele facilita ou torna mais difícil, ele alarga ou limita, ele torna mais ou menos provável; no limite ele constrange ou impede completamente; mas ele é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos atuantes, enquanto eles agem ou são susceptíveis de agir. Uma ação sobre ações.

Além do sentido das palavras, e dos procedimentos que muitas delas sugerem, ou da simples relação de poder, Orlandi (2007), referenciando-se a M. Pêcheux (1975), comenta sobre dois tipos de “esquecimentos” existentes no discurso, um deles chamado “esquecimento ideológico”, que trata do modo pelo qual somos afetados pela ideologia na instância do inconsciente.

Por esse esquecimento temos a ilusão de ser a origem do que dizemos quando, na realidade, retomamos sentidos pré-existentes. Esse esquecimento reflete o sonho adâmico: o de estar na inicial absoluta da linguagem, ser o primeiro homem, dizendo as primeiras palavras que significariam apenas e exatamente o que queremos. Na realidade, embora se realizem em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade. (ORLANDI, 2007, p. 35)

Embora as ações relacionadas aos discentes e docentes não sejam tão restritas (ensinar e aprender), e nos processos de ensino-aprendizagem não haja necessariamente, ao menos de forma unidirecional e linear, atividade-passividade, são estas idéias do que seja professor ou aluno, docente ou discente, que constituem o lugar e a forma de proceder dos sujeitos.

Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na “comunicação”. A fala do professor vale (significa)

mais do que a do aluno. (ORLANDI, 2007, p. 39-40)

Essa relação entre o que a língua busca significar e o que é institucionalizado – não por ela em si, mas pelo coletivo – é que determinamos o nosso lugar no espaço. A reflexão sobre as significações da língua no contexto histórico e ideológico, da ideologia na história e na forma como se utiliza a língua, e da história em seu contexto nos faz reconhecer o poder que o discurso socialmente aceito e expresso, institucionalizado, exerce sobre a forma de ser dos sujeitos a partir dos papéis que assumem. Esta reflexão se faz necessária para entendermos o contexto em que os eventos se sucedem.

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder. A imagem que temos de um professor, por exemplo, não cai do céu. Ela se constitui nesse confronto simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições. (ORLANDI, 2007, p. 42)

Tendo se apropriado destas concepções referentes ao sujeito, podemos compreendê-lo em sua diversidade em relação aos papéis que assume em sua ação discursiva, podendo focar a análise aos sujeitos alvo deste trabalho, que baseia-se na observação de um grupo específico de pessoas exercendo os papéis de docente e de discente no contexto que será relatado no capítulo seguinte.

5. ESTUDO DE CASO

5.1. CONTEXTO

Antes de trazer a tona os resultados encontrados no campo empírico, vale fazer alguns esclarecimentos e lembrar alguns detalhes pertinentes. O fórum/tópico aqui analisado foi uma das propostas de atividade de um dos doze (12) módulos que compõem o curso *online* no qual situa-se a base empírica deste trabalho. Este curso, por ter sido montado através da parceria de onze (11) universidades, cada uma destas com um PPG responsável por formar uma equipe específica para propor, co-criar, desenvolver e articular conteúdos e atividades, conta com a participação apenas de Mestres, Mestrandos e Doutores, todos no campo específico da EAD.

A proposta deste curso foi que, cada participante tivesse momentos em que exercesse o papel de docente (Tutor), quando o módulo a ser trabalhado fosse de responsabilidade da PPG do qual fizesse parte, bem como momentos em que exercesse o papel de discente (Aluno), quando o módulo a ser trabalhado fosse de responsabilidade de uma PPG do qual não fosse membro. Deste modo, cada participante teria momentos específicos em que exercesse os dois diferentes papéis dentro do curso.

Outra consideração a ser feita é que o curso contou com a inscrição de noventa e dois (92) participantes distribuídos nos diferentes PPG das onze (11) universidades que o compunham. Esta informação é pertinente quando observado o índice de participação nos fóruns/tópicos de discussão, uma vez que o número de postagem muitas vezes era menor que o número de participantes, observando também o fato de que alguns destes postavam suas considerações mais de uma vez. Desta forma, ao comparar estes dados, surge então questões relativas à presença e ausência nas atividades.

Para garantir o anonimato dos participantes, ainda no trabalho de bolsa PIBIC, foi desenvolvido um código de identificação dos sujeitos que substituiria os nomes dos participantes. Como o curso contou com a participação de instituições de diversas naturezas (Privada, Pública Estadual, Pública Federal, Estrangeira), o código foi estruturado a partir de três (03) sequências binárias separadas por barras dentro de

colchetes e em negrito. A combinação destas sequências identifica, não só o sujeito que representa, mas também de qual instituição o sujeito faz parte, bem como a natureza da mesma. Muito embora esta informação não seja exatamente relevante para este trabalho, considera-se pertinente o esclarecimento de como foi pensada a identificação dos sujeitos e a manutenção do sigilo da identidade dos participantes dentro do contexto em que se deu a pesquisa.

Ex: [00/00/00]⁸

5.2.1. Análise De Discurso

Após estas considerações preliminares pertinentes ao contexto, para verificar como se deu a interação destes sujeitos através do suporte tecnológico oferecido pela plataforma *Moodle*, foi elaborada uma **Tabela de Análise**⁹ que contém três sessões específicas. Cada uma dessas sessões foram elaboradas para organizar diferentes informações pertinentes para se analisar o fórum em todo o seu contexto e não somente o discurso dos sujeitos. A primeira delas é a sessão das INFORMAÇÕES GERAIS, que dispõe dados básicos do contexto da análise. São estes:

- **Equipe/Módulo** - onde se informa qual a PPG responsável pela atividade em questão, situando, também, qual é o módulo (que neste curso é identificada com um número e a temática que pretende discutir). Neste caso, para garantir o anonimato dos participantes, a PPG e a instituição responsável pelo fórum/tópico analisado, a identificação original da Equipe/Módulo foi substituída pelo código **M03**;
- **Temática** - onde se coloca o assunto ou temática geral sobre o qual a atividade é desenvolvida.

A segunda sessão diz respeito ao FÓRUM/TÓPICO que especificamente é analisado, esta traz informações específicas pertinentes ao contexto no qual o fórum/tópico está sendo executado como:

⁸ O presente código utilizado como exemplo não identifica nenhum dos sujeitos em questão.

⁹ Consultar Apêndice A

- **Data/hora de criação** (para localizar o contexto no tempo e para poder ter noção do tempo de participação e intervenção dos participantes em relação ao momento de criação do mesmo, bem como da quantidade de tempo em que se estendeu a discussão);
- **Título** (verificado que no título está, também, contida a idéia, temática, assunto ou área a ser discutida, podendo assim verificar coerência da ação discursiva dos participantes quanto ao que se propõe a atividade);
- **Responsável pelo fórum/tópico** (identifica o sujeito que criou aquele espaço, e é geralmente este que se incumbem das ações mediadoras e pedagógicas);
- **Perfil** (identifica a condição do sujeito responsável pelo fórum/tópico. Como o ambiente *Moodle* é bastante democrático, qualquer um que queira, independente de pertencer à PPG responsável pelo Módulo em questão, logo, independente de ser Docente ou Discente, tem a liberdade de criar um fórum/tópico para iniciar uma discussão ou atividade);
- **Proposta** (descrição do que se espera dos participantes, pode estar localizada dentro do próprio fórum/tópico, ou descrito na proposta do próprio módulo).

A terceira sessão é a ANÁLISE DA DISCUSSÃO, onde é feita a interpretação do discurso e a identificação quanto à forma de atuação do sujeito do discurso. Esta interpretação do discurso é feita um a um, discurso a discurso. Esta sessão requer uma atenção especial, pois é nela que estão contidas as noções da Análise de Discurso, e é de onde se faz possível extrair os resultados que correspondem ao objetivo deste trabalho. As informações prioritizadas na terceira sessão da tabela de análise são:

- **Sujeito do discurso** - identifica o autor do discurso a ser analisado através do seu código correspondente;
- **Perfil** - corresponde à função que o sujeito deva exercer segundo a proposta do

curso, logo, se o mesmo pertence à PPG responsável pelo fórum/tópico em questão, automaticamente o sujeito assume o Perfil de Docente, caso contrário, não sendo membro da PPG responsável por aquele fórum/tópico, automaticamente assume o Perfil de Discente;

- **Papel** - trata-se da contraposição ao perfil e, diferente deste, o Papel está relacionado à postura que o sujeito assume em seu discurso, que pode corresponder ou não ao Perfil. Assim sendo, o sujeito poder estar com a incumbência de assumir o Perfil de Docente, isto por pertencer o PPG responsável pelo fórum/tópico e, no entanto, o seu discurso corresponder mais às características de um Discente, e vice-versa;
- **Data/Hora de participação** - esta informação é pertinente para melhor perceber aspectos da participação do sujeito que não estão explícitos no contexto como, por exemplo, o intervalo de tempo de uma participação à outra do mesmo sujeito;
- **Ordem** - esta informação localiza a posição do discurso dentro de uma sequência ordinal de participações, além de identificar, entre parênteses, o número daquela participação frente ao total daquele sujeito. Observado que os participantes interagem não só de todos para todos, mas também de um para todos e de um para o outro, quando um determinado sujeito se reporta a uma questão posta por outro, o número de ordem é colocado em meio ao extrato da fala para sinalizar qual o discurso a que, especificamente, ele se refere naquele exato momento.

Além dessas informações o discurso é posto na íntegra, sem correções de possíveis problemas de pontuação ou digitação. As únicas alterações feitas foram na fonte e tamanho da letra, desativação dos links e hiperlinks, e nos casos onde os endereços eletrônicos postados pelos participantes poderiam identificar o sujeito, estes eram substituídos pela palavra “Link” ou “Hiperlink” respectivamente (os links ou hiperlinks desativados foram postos entre os sinais “<”, “>”). A estratificação dos discursos foi feita a partir da interpretação do mesmo, isolando sentidos, ações e

intenções para que fosse possível identificar, além do Papel que o sujeito assume (mesmo que inconscientemente), o Perfil de Atuação, que caracteriza as diversas formas evidenciadas de expressão da presença dentro do ambiente *online* deste curso. Foi utilizado o recurso de “sublinhado” (Ctrl+S) para identificar os extratos ímpares, isto apenas para facilitar a visualização dos extratos feitos pelo analista.

5.2.2. Resultados Encontrados

Durante todo o processo de construção deste trabalho, a ida a campo (entrada no ambiente *online* do curso em questão) e a investigação no lócus específico (o fórum/tópico analisado), tem sido uma prática constante. A partir de então foi possível observar as formas de atuação (presencialidade virtual) destes sujeitos em processo de interação no decorrer das atividades, e a partir desta observação durante a prospeção empírica, delimitar estas formas diversificadas de presencialidades, sendo estas formas os principais resultados da análise.

Estas questões ligadas à presencialidade emergiram a partir da prospeção empírica, no entanto, no momento de organização da análise, as “categorias” percebidas foram postas na **Tabela de Análise**, não para classificar os sujeitos, mas para elucidar a forma de sua atuação, bem como sua (forma)ação. Deste modo será posto, a partir de então, estas “categorias” em contraposição com exemplos de discursos nos quais foram percebidas a presença majoritária de características de uma destas categorias (podendo um discurso ter traços de outra, mas que não caracteriza predominância). Por tanto, ao apontar qual a categoria de que o discurso se aproxima com maior intensidade, o que se considera é a predominância das características associadas a esta categoria, ressaltando que estas características não são predeterminadas, estas emergem do contexto assim como emergiram as categorias sinalizadas, pois não estão no plano da predeterminação do analista, mas nas concepções que envolvem a categoria em questão e na sensibilidade do analista em percebê-las.

A primeira categoria identificada de atuação e (forma)ação no ato dos discursos foi a “Participação”, que na Tabela de Análise identifica o sujeito como **Sujeito Participante**. Nesta concepção, o sujeito faz parte da discussão, mas na referida postagem pode apenas atender a proposta e, no entanto, não trazer grandes

contribuições, há a ausência de provocações para incitar o diálogo entre os demais sujeitos e poucas informações novas pertinentes à proposta da atividade. Como exemplo pode-se citar o discurso de ordem 11º:

Fiquei muito sensibilizada com a fala do [01/03/06] (3º): [1] “Volto confirmar que raramente experimentei tamanha intensidade em minha experiência de mais de 20 anos em docência presencial. Inclusive, tenho certeza de que melhorei a minha docência presencial a partir daquela experiência online”. [2] E compartilho dessa influência bem-vinda das tecnologias online sobre as minhas práticas presenciais. [3]

E conforme posto no quadro destinado à **Interpretação do Discurso** respectivamente:

Inicia a sua fala direcionando-a para o participante [01/03/06] em relação ao discurso de ordem (3º), bem como sua própria reação ao discurso do mesmo no extrato [1]; em seguida destaca um trecho da fala de [01/03/06] - extrato [2]; e no extrato [3] expõe no trecho destacado o que coincide com as suas práticas presenciais.

Pondo a fala dentro do contexto, o presente discurso tem a intenção de socializar uma identificação com o exposto por outro sujeito numa postagem anterior, porém, não há tentativa de prosseguir com a discussão e pouca vinculação / relação com a proposta do fórum/tópico.

A segunda categoria identificada de atuação e (forma)ação no ato dos discursos foi a “Contribuição”, que na Tabela de Análise identifica o sujeito como **Sujeito Contribuinte**. Nesta concepção, o sujeito que faz parte da atividade contribui com a discussão, traz autores e referências, informações novas que podem contribuir com um ou mais sujeitos ou para o grupo como um todo. Como exemplo pode-se citar o discurso de ordem 29º, onde o sujeito se propõe a trazer novas informações e reflexões acerca de um determinado tema:

Oi [01/03/03] e [08/02/12], [1]
Vou trazer aqui o conceito de Magda Soares e o qual eu considero: [2]
Para ela: "Letramento é considerado como estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva as práticas sociais que usam a escrita. É um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição - do letramento

- dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel." [3]

Acredito que há vários níveis de letramento a depender do grau de apropriação dessas tecnologias. [4] Por exemplo, quem aproveita as potencialidades das interfaces de informação e comunicação não só para se comunicar e consumir informações, mas para produzir e publicar conteúdo já se encontra em um grau de letramento mais avançado.

Gostaria de me aprofundar mais essas questões. [5]

Além disso, [01/03/03] (19º) traz também outra questão que me despertou uma inquietação: [6] "Seria correto falar em aprendizagem online?" [7]

E conforme posto no quadro destinado à **Interpretação do Discurso** respectivamente:

Estrato [1] - cumprimenta apenas dois dos participantes; extrato [2] - anuncia que irá trazer um conceito de um determinado autor; extrato [3] - posta um trecho de uma autora acerca do conceito tratado; extrato [4] - faz uma rápida consideração a partir da sua leitura do conceito tratado pelo autor citado; extrato [5] - traz um exemplo prático; extrato [6] - anuncia que o participante [01/03/03] em seu discurso de ordem (19º) levanta uma questão que o inquietou internamente; extrato [7] - posta o trecho da fala do participante [01/03/03] onde há um questionamento que inquietou o sujeito contribuinte.

A terceira categoria identificada de atuação e (forma)ação no ato dos discursos foi a "Intervenção", que na Tabela de Análise identifica o sujeito como **Sujeito Interventor**. Nesta concepção de atuação, o sujeito amplia determinado ponto da discussão, aprofunda questões ou os redireciona, também conduz reflexões. Como exemplo Pode-se citar o discurso de ordem 37º, onde o sujeito intervém no andamento da discussão numa tentativa de retomar uma discussão já posta em um momento anterior:

Oi pessoal! [1]

Pessoal, alguém poderia trazer mais elementos sobre o tema do letramento digital e da aprendizagem *online* trazidos até agora pela [08/02/12] (17º) e a [03/03/74]? (29º) [2]

[07/03/63], sei que você trabalhou o tema do letramento em sua tese de doutorado. [3] Compartilhe conosco seus sentidos. [4]

[04/01/75], você também tem ótimas discussões sobre o tema. Li um artigo seu num livro sobre inclusão digital super interessante. [5]

Compartilhe conosco suas idéias e práticas de letramento digital. [6]

beijos
[01/03/03]

E conforme posto no quadro destinado à **Interpretação do Discurso** respectivamente:

Extrato [1] - direciona o seu discurso a todos, o que evidencia estar intencionado a co-participar; no extrato [2] o participante convoca a todos para retomar uma discussão (Letramento digital e aprendizagem) que foi iniciado pela fala do participante [08/02/12] no discurso de ordem (17º), comentado pelo próprio participante do presente discurso em sua fala na ordem (19º) e retomado pelo participante [03/03/74] na fala de ordem (29º); extrato [3] - comenta que o participante [07/03/63] tratou do tema em sua tese de doutorado, o que demonstra conhecimento acerca de seu trabalho; extrato [4] - pede ao participante [07/03/63] a compartilhar com os demais suas concepções; extrato [04/01/75] também tem considerável experiência sobre o tema citado a partir da leitura de um artigo deste; extrato [6] - solicita que o participante [04/01/75] socialize suas concepções para o restante do grupo.

A quarta categoria identificada de atuação e (forma)ação no ato dos discursos foi a “Proposição”, que na Tabela de Análise identifica o sujeito como **Sujeito Propositor**. Nesta concepção de atuação, o sujeito propõe novas questões ou novas elaborações discursivas, sugere outras atividades ou dá um direcionamento diferente à atividade posta. Como exemplo pode-se citar o discurso de ordem 37º que, além de intervir, retomando um assunto já posto anteriormente, propõe novas questões referentes ao assunto:

😊 **Olá pessoal!**

Olá [08/02/12]! (17º) Muito bom ter você aqui! 😊 [1]

Gostaria de destacar um fecundo conceito trazido em sua fala (17º): "o letramento". [2] [08/02/12] que tipo de letramentos podem ser conquistados com a aprendizagem online? Qual a relação entre letramento digital de aprendizagem online? Seria correto falar em aprendizagem online? [3]

Tod@s estão convidados para o debate? [4]

beijos
[01/03/03]

E conforme posto no quadro destinado à **Interpretação do Discurso** respectivamente:

Extrato [1] - saúda a todos e em seguida direciona a sua fala ao participante [08/02/12] em sua primeira participação no discurso de ordem (17º); extrato [2] - destaca um tema presente no discurso do participante [08/02/12]; extrato [3] - levanta uma série de indagações acerca de tal conceito ao participante [08/02/12]; extrato [4] - convida a todos para o debate.

Temos então alguns exemplos de ações discursivas que possibilitaram o levantamento das categorias analíticas durante a prospeção empírica, e que posteriormente compuseram a Tabela de Análise. Visto estas formas de atuação, é o momento de compreender qual a relevância destas, e faremos isso através do contraste dos resultados gerais obtidos através da Tabela de Análise.

6. ANÁLISE CONTRASTIVA

Para melhor observar os processos de interação (VYGOTSKY, 1998) e representações (ORLANDI, 2007) que compõem a ação dos sujeitos foi organizado um quadro que sintetiza os principais resultados evidenciados na Tabela de Análise a fim de contrastar as diferentes categorias analíticas e compreender o contexto de ação discursiva dos sujeitos envolvidos.

Quadro 02 – Resumo da Tabela de Análise

Sujeito	Ordem	Perfil	Papel	Participação
[01/03/03]	1º (1 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[03/03/74]	2º (1 de 4)	Discente	Discente	Contribuinte
[01/03/06]	3º (1 de 4)	Docente	Discente	Participante
[06/03/09]	4º (1 de 3)	Discente	Docente	Contribuinte
[07/03/17]	5º (1 de 8)	Docente	Discente	Contribuinte
[01/03/06]	6º (2 de 4)	Docente	Docente	Interventor
[01/03/90]	7º (1 de 4)	Docente	Discente	Participante
[01/03/03]	8º (2 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[01/03/03]	9º (3 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[07/03/52]	10º (1 de 7)	Docente	Docente	Participante
[07/03/52]	11º (2 de 7)	Docente	Docente	Participante
[07/03/52]	12º (3 de 7)	Docente	Docente	Participante
[07/03/52]	13º (4 de 7)	Docente	Docente	Participante
[07/03/52]	14º (5 de 7)	Docente	Discente	Participante
[07/03/52]	15º (6 de 7)	Docente	Discente	Participante
[07/03/52]	16º (7 de 7)	Docente	Discente	Participante
[08/02/12]	17º (1 de 4)	Discente	Discente	Participante
[01/03/03]	18º (4 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[01/03/03]	19º (5 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[01/03/06]	20º (3 de 4)	Docente	Discente	Contribuinte
[03/03/81]	21º (1 de 1)	Discente	Discente	Participante
[07/03/17]	22º (2 de 8)	Docente	Docente	Contribuinte
[07/03/17]	23º (3 de 8)	Docente	Docente	Contribuinte
[03/02/84]	24º (1 de 2)	Discente	Discente	Participante
[06/03/78]	25º (1 de 1)	Discente	Discente	Participante
[01/03/02]	26º (1 de 1)	Docente	Discente	Contribuinte
[03/03/74]	27º (2 de 4)	Discente	Discente	Participante
[03/03/74]	28º (3 de 4)	Discente	Discente	Participante
[03/03/74]	29º (4 de 4)	Discente	Discente	Contribuinte
[01/03/03]	30º (6 de 12)	Docente	Discente	Propositor
[08/02/12]	31º (2 de 4)	Discente	Discente	Contribuinte
[08/02/12]	32º (3 de 4)	Discente	Discente	Participante
[08/02/12]	33º (4 de 4)	Discente	Discente	Participante
[06/02/16]	34º (1 de 2)	Discente	Discente	Participante
[01/03/03]	35º (7 de 12)	Docente	Discente	Contribuinte
[01/03/03]	36º (8 de 12)	Docente	Docente	Propositor
[01/03/03]	37º (9 de 12)	Docente	Docente	Interventor
[01/03/03]	38º (10 de 12)	Docente	Discente	Interventor
[01/03/90]	39º (2 de 4)	Docente	Discente	Interventor

[01/03/90]	40° (3 de 4)	Docente	Docente	Contribuinte
[03/02/84]	41° (2 de 2)	Discente	Discente	Contribuinte
[06/01/87]	42° (1 de 2)	Discente	Discente	Propositor
[06/01/87]	43° (2 de 2)	Discente	Discente	Participante
[03/03/73]	44° (1 de 1)	Discente	Discente	Participante
[08/03/25]	45° (1 de 3)	Discente	Discente	Participante
[08/03/25]	46° (2 de 3)	Discente	Discente	Contribuinte
[01/03/03]	47° (11 de 12)	Docente	Docente	Interventor
[01/03/03]	48° (12 de 12)	Docente	Docente	Interventor
[07/03/17]	49° (4 de 8)	Docente	Discente	Contribuinte
[07/03/17]	50° (5 de 8)	Docente	Discente	Participante
[07/03/17]	51° (6 de 8)	Docente	Docente	Contribuinte
[07/03/17]	52° (7 de 8)	Docente	Docente	Contribuinte
[07/03/17]	53° (8 de 8)	Docente	Discente	Participante
[01/03/90]	54° (4 de 4)	Docente	Discente	Contribuinte
[06/02/16]	55° (2 de 2)	Discente	Discente	Participante
[08/03/25]	56° (3 de 3)	Discente	Discente	Interventor
[04/01/75]	57° (1 de 1)	Discente	Discente	Contribuinte
[01/03/06]	58° (4 de 4)	Docente	Discente	Participante
[06/03/09]	59° (2 de 3)	Discente	Discente	Participante
[06/03/09]	60° (3 de 3)	Discente	Discente	Participante
[06/03/56]	61° (1 de 2)	Discente	Discente	Participante
[06/03/56]	62° (2 de 2)	Discente	Discente	Participante

6.1. ANÁLISE VERTICAL

A partir da análise vertical deste quadro podemos observar separadamente cada uma das categorias analíticas e chegar a algumas conclusões.

Na categoria **Sujeito** pode-se evidenciar a participação de dezenove (19) participantes distintos, dos noventa e dois (92) totais do curso como um todo, alternados entre as sessenta e duas (62) postagens. Somente este dado nos remete às questões de presença e de ausência, muito embora não se tenha tido, neste trabalho, condições e intenção de verificar as questões relativas às ausências dos sujeitos nesta atividade. Na categoria **Ordem**, além do número de postagens, é possível ver o número de participação de cada participante, neste caso havendo sujeitos que participaram apenas uma (01) vez, até o sujeito que mais participou com doze (12) postagens. A análise quantitativa do número de participações de cada sujeito pode ser feita especificamente para cada um deles, como exemplo do sujeito **[07/03/52]** que, em um único dia postou sete (07) comentários e depois não mais participou; do ponto de vista quantitativo este sujeito é o terceiro que mais participou, porém, do ponto de vista qualitativo, em relação

ao andamento da discussão ele participou tanto quanto quem postou apenas uma vez, pois a discussão neste fórum/tópico durou dezessete (17) dias. O que se questiona, no entanto, não é quem postou mais ou menos, nem quem esteve presente em um ou vários dias, mas as questões que não estão explícitas que motivam a participação, ou que de certo modo comprometeu o rendimento dos participantes que pouco ou não participaram.

Observando a categoria **Perfil** podemos observar uma participação maior de Docentes, com trinta e seis (36) postagens, que de Discentes, com vinte e seis (26) postagens respectivamente. Daí podemos supor que, o fato do sujeito pertencer a PPG responsável pela gestão do Módulo, bem como as atividades propostas, possivelmente o motive a ser mais participativo que os demais. Esta participação mais intensa pode ter outros fatores – possíveis motivos – além do sentimento de pertença ao grupo de PPG que integra, mas também a aproximação com a temática ou área de conhecimento, uma vez que todos os membros do PPG trabalham com uma temática em comum. Tendo o analista posse das informações de como o código de identificação localiza a instituição do qual o sujeito faz parte, é possível explicitar que, dentre os dezenove (19) sujeitos que interagiram no fórum/tópico em questão, seis (06) integravam a PPG responsável pela atividade, logo Docentes.

Em contraposição à categoria comentada anteriormente, a categoria **Papel** apresenta resultados diferenciados. Em relação à postura que cada sujeito assumiu em seu discurso, a grande maioria se colocou como discente, sendo identificadas quarenta e duas (42) participações com esta característica, e vinte (20) participações em que os sujeitos assumiram o papel de docente. Daí a conclusão que houve uma disposição maior dos sujeitos em participarem como discentes que docentes, fato compreensível, pois, uma vez que a atividade era, de antemão, posta e a proposta é justamente o cumprimento desta atividade, e sendo o ambiente *online* aberto e livre para todos os participantes, também interativo, a autonomia se torna um fator relevante. Sendo assim, a participação dos sujeitos assumindo o papel de docente pode caracterizar a manutenção da atividade.

Quanto às formas de participação tivemos os seguintes resultados: os sujeitos que

apenas participaram (**Participante**) somaram vinte e nove (29) postagens; os que contribuíram (**contribuinte**) para a discussão dezoito (18) postagens; as intervenções (**Interventor**) totalizaram sete (07) postagens e; propositores (**Propositor**) com oito (08) postagens. A partir desta leitura pode-se perceber que a atuação como **Participante** foi mais intensa neste fórum/tópico e, sendo um número maior que a de sujeitos que aturam no mesmo, significa dizer que alguns sujeitos participaram mais de uma vez, e que a grande maioria dedicou-se ao simples cumprimento da atividade. Em segundo lugar vêm as contribuições, com quase um terço das postagens, evidencia a preocupação dos sujeitos em dar as suas contribuições, principalmente em relação à fala do outro, o que foi bastante evidenciado no fórum/tópico. Em relação às atuações como **Interventor** ou **Propositor**, poucos ousaram assumir estes papéis, talvez pelo fato da maior parte dos sujeitos terem o perfil de discentes, atribuindo estes papéis, no plano das imagens e representações, aos docentes. Esta discussão entre a contraposição dos perfis e dos papéis que os diferentes sujeitos assumem pode acontecer com maior abrangência na análise horizontal.

6.2. ANÁLISE HORIZONTAL

Na análise horizontal da Análise Contrastiva, neste caso, é possível verificar como cada sujeito se colocou em cada discurso contrastando-o entre as diferentes categorias analíticas, do mesmo modo podemos fazer esta mesma análise sem partir do sujeito, mas de outras categorias, uma em relação às outras dentro de cada ordem de discurso. Mas antes há que se pontuar que, no curso em questão, muito embora haja a delegação de obrigações aos PPG, dentre estas a gestão do módulo do qual ficou responsável e, por isto, o ato de docência por parte dos integrantes deste mesmo PPG, a grande proposta do curso é o modelo de “construção colaborativa do conhecimento”. Logo, todo e qualquer sujeito que faça parte do curso pode, a qualquer momento, no exercício de sua autonomia, contribuir da forma que for, inclusive assumindo diferentes papéis (docente ou discente) durante as atividades, independentemente do fato de integrar a PPG da vez ou não. Segundo Nonaka & Takeuchi (apud TSUNODA & RAMALHO, 2007, p. 03)

novos conhecimentos são criados quando ocorre a interação social

entre os conhecimentos de cada indivíduo (tácito e explícito) e entre indivíduos. Seriam processos fundamentais para a criação do conhecimento, o compartilhamento e a comunicação de informações em grupo a fim de que se revele o conhecimento tácito, interno ao indivíduo.

Também há que se considerar que, mesmo que no discurso da construção colaborativa, todos os indivíduos tenham a mesma importância e o mesmo potencial colaborativo, ainda há questões relativas à gestão neste processo.

Embora em espaços colaborativos pressuponha-se a não-hierarquização de papéis e a livre expressão, visto que a interação tem papel importante em tais cenários mas sem garantir a produção mais apurada do conhecimento, Preece (2002) salienta a importância dos moderadores nos processos colaborativos que entre outras tarefas está a de solucionar conflitos, promover o diálogo e coordenar atividades, bem como, estimular a participação do grupo na construção e evolução do ambiente. Em complemento a ideia de Preece, colocam-se as observações de Coutinho (2007) que vê no líder ou administrador a dosagem certa para equilibrar o sistema promovendo sua auto-regulação rumo à mudança, evitando que o este torne-se caótico e contribuindo também para estímulo à criatividade, garantindo assim a superioridade das produções coletivas. (TSUNODA & RAMALHO, 2007, p. 04)

Ainda há a questão de que a própria ideia de instituição de ensino acaba por reforçar o imaginário de dois agentes, aquele que aprende e aquele que ensina, pois, este tipo de instituição ainda se dá na tensão destes dois agentes, sendo a própria instituição, reforçadora dos papéis de discente e docente.

Enfim, creio que essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção. Penso na maneira como a literatura ocidental teve de buscar apoio, durante séculos, no natural, no verossímil, na sinceridade, na ciência também – em suma, no discurso verdadeiro. (FOUCAULT, 2009a, p. 18)

Existem também questões entre relação de força, sentido e antecipação para formações imaginárias dos sujeitos no que diz respeito ao discurso, a sua compreensão de si e seu papel e a compreensão do que seja o outro e o papel que este assume.

Pensando as relações de forças, a de sentidos e a antecipação, sob o modo do funcionamento das formações imaginárias, podemos ter

muitas e diferentes possibilidades regidas pela maneira como a formação social está na história. Em nossa formação social, se pensarmos por exemplo a Universidade, podemos explorar algumas dessas possibilidades: a imagem que o professor tem do que seja um aluno universitário, a imagem que um aluno tem do que seja um professor universitário, a imagem que se tem de um pesquisador, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um diretório acadêmico, a imagem que o aluno (o professor, o funcionário) tem de um dirigente de uma associação de professores universitários etc. Mas, pelo mecanismo da antecipação, também temos, por exemplo: a imagem que o dirigente sindical tem da imagem que os funcionários têm daquilo que ele vai dizer. E isto faz com que ele ajuste seu dizer a seus objetivos políticos, trabalhando esse jogo de imagens. (ORLANDI, 2007, p. 38)

Estas considerações são pertinentes para compreender melhor o contexto em que se deu o fórum/tópico analisado, que extrapola a dimensão de simples atividade acadêmica. Se por um lado temos as “obrigações” de quem gerenciou tal processo e as formações imaginárias que determinam as formas de ação de cada sujeito, de outro modo temos uma proposta de articulação da própria atividade (construção colaborativa) que, em certa dosagem, ameniza as tensões desta relação de poder. Neste processo não há rigidez dos papéis, tão pouco a inexistência de qualquer um deles.

Deste modo, analisando horizontalmente o quadro 02, pode-se notar uma maior equivalência de sujeitos aos quais lhes são atribuídos o **Perfil** de discente, assumindo o **Papel** de Discente, somando vinte e cinco (25) participações nesse sentido. Em segundo está a equivalência de sujeitos aos quais lhes são atribuídos o **Perfil** de docente, assumindo o **Papel** de Docente, somando dezenove (19) participações nesse sentido. E quanto ao perfil de Participação, mais especificamente ao de propositor, estes sujeitos com Perfil de docente assumindo o Papel de docente assumiram quase que unanimemente esta forma de participação, havendo apenas um caso de um sujeito com o Perfil de discente e assumindo o Papel de discente ter realizado proposições em seu discurso. Esta talvez seja a maior marca do funcionamento das formações imaginárias nas ações discursivas dos sujeitos.

6.3. ANÁLISE TRANSVERSAL

Na análise transversal podemos discutir diferentes pontos do presente contexto,

uma vez que podemos contrastar entre si, tanto as categorias semelhantes, quanto as diferentes. Nesta análise podemos verificar com maior precisão o percurso que cada sujeito percorreu. Podemos então citar dois exemplos extremos. O primeiro diz respeito ao sujeito [01/03/03], este pertence à PPG responsável pelo módulo em questão, logo tem a incumbência de assumir o Perfil de docente, também foi o proponente da referida atividade e o sujeito que mais participou com doze (12) postagens. Dentre estas participações o referido sujeito atuou oito (08) vezes como docente e quatro (04) vezes como discente, nota-se então uma postura mais voltada para gestor da atividade, no entanto não restringiu-se a este papel, havendo certa flexibilidade em sua atuação, permitindo-se atuar como discente da própria atividade. O segundo exemplo está na análise feita a partir da categoria **Perfil**, e tomando o perfil de **Discente** como referência, podemos observar que, para além da predominância da equivalência entre seu **Perfil** e o **Papel** desempenhado, pode-se evidenciar apenas um (01) sujeito com este Perfil assumindo o Papel de Docente, e pelo contrário tivemos muito mais sujeitos com perfil de docência assumindo o papel de discente (17). Em se tratando das formas de participação, como dito anteriormente, somente um (01) sujeito com Perfil de discente interagiu como proponente, sendo que em sua maioria, a atuação foi como participante, somando dezessete (17) atuações desta forma, contra seis (06) atuações como contribuinte e uma (01) como interventor.

Deste modo percebemos que ainda há entre os discentes uma resistência maior em romper com os paradgmas da sua posição enquanto tal, e que os docentes tiveram menos resistência neste sentido. Talvez seja, na tensão da relação de poderes e dos paradgimas das formações imaginárias, e no processo de construção colaborativa, mais claro para os docentes a necessidade de se deslocar deste paradgma a outro.

Resta acrescentar que todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. Essa é a distinção entre lugar e posição. (ORLANDI, 2007, p. 40)

Há que esclarecer que no processo colaborativo e interativo, os Perfis se tornam menos relevantes que os Papéis que os sujeitos assumem, pois a postura assumida dentro de um conjunto num determinado contexto é que irá garantir a qualidade dos resultados esperados.

A idéia de conflito cognitivo, especificamente, esta associada à perturbação cognitiva e refere-se ao desequilíbrio (posto que todo individuo busca o equilíbrio cognitivo) provocado no sujeito face ao seu comportamento interativo com o meio, e onde a noção de socio-cognitivo refere-se as interações sociais onde as perturbações cognitivas suscitam um conflito de resposta entre os participantes daquele meio social configurando-se como uma fonte de mudança. Nas palavras de Doise (1988) apoiando-se sob a concepção piagetina de que o desenvolvimento cognitivo ocorre na perspectiva “inside out”, o conflito socio-cognitivo ocorre quando numa única e mesma situação, várias abordagens cognitivas de um mesmo problema são produzidas socialmente. Nestas condições, o confronto destas diversas abordagens terá como resultado a sua coordenação numa nova abordagem mais complexa e mais adaptada à solução do problema do que qualquer das abordagens anteriores tomadas separadamente. (TSUNODA & RAMALHO, 2007, p. 04-05)

Através da análise contrativa, principalmente na etapa de análise transversal, é possível extrair diversas reflexões a partir da combinação dos diversos resultados que o quadro apresenta. Também é possível perceber que não existe uma relação restrita de equivalência entre o Perfil determinado pelo sujeito e o Papel desempenhado pelo mesmo, muito embora os sujeitos com o Perfil Discente pouco tivessem ousado tomar uma postura de liderança, mesmo que esta possibilidade não lhes seja negada. Tal fato é compreensível quando temos de antemão os deveres atribuídos através dos sentidos simbólicos e das representações a estas duas formas particulares de sujeito.

Ressaltando que as formas de Presencialidade Virtual estão diretamente ligadas ao papel assumido pelo qual cada sujeito se expressa dentro do ambiente *online*, além disso, observando os resultados expressos tanto na Tabela de Análise quanto no quadro 02, há que se considerar também as questões relativas à autonomia¹⁰. Um sujeito que não tenha autonomia para expressar a sua (forma)ação da maneira que lhe convier, não

¹⁰ A autonomia aqui citada diz respeito à liberdade de atuação dentro do ambiente *online*, não estando atrelada, necessariamente, às questões de independência administrativa do sujeito em relação ao seu tempo fora do ambiente virtual para dar conta das demandas do curso à distância.

tem a liberdade de exercer o papel que deseje, mesmo que inconscientemente. Sem essa autonomia o sujeito não passa de um executor de tarefas predeterminadas e com modelos de atuação bastante restritos. Se esta autonomia não tivesse sido “proposta” pelo curso, é bem provável que encontrássemos entre os resultados uma equivalência unânime entre o Perfil previamente definido e o Papel desempenhado, salve possíveis exceções, que mais possíveis de ocorrerem em relação ao Discente assumindo o Papel de Docente, já que nas formações imaginárias é mais comum conceber que o Discente experimente momentos de mediação da atividade (isto em relação aos demais colegas discentes), que o Docente deixe o seu posto de condutor para ser o conduzido.

Fechando a etapa de Análise Contrastiva, pode-se dizer que foram encontrados no fórum, dos noventa e dois totais que fizeram parte do curso, dezenove sujeitos diferentes que interagiram em sessenta e duas postagens no fórum analisado. Dentre os perfis de atuação evidenciados, encontramos vinte e nove Participantes, dezoito Contribuintes, sete Interventores, e oito Propositores. Estes resultados evidenciam as diversas formas de atuação no contexto da discussão (sendo esta colaborativa) em que se deu o processo de interação. De maneira individual, cada sujeito pôde se colocar através de postagens uma ou mais vezes, para os casos de mais de uma vez, pôde assumir um determinado papel em uma postagem, e em outra ter assumido outro papel, isto pode estar relacionado com o discurso que o precede e lhe inspirou a participação¹¹, evidenciando o processo de interdiscursso¹² que, segundo Orlandi (2007, p. 39):

As condições de produção, que constituem os discursos, funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos relação de

¹¹ Observando a ação de cada participante atuando diretamente no fórum analisado, pôde-se perceber que muitas vezes um discurso posto, inspirou a participação de outro sujeito, pois, alguns participantes limitavam-se a atender a proposta do fórum sem interagir com outros, enquanto alguns participavam da discussão a partir de uma colocação posta por outro sujeito, seja um tema, uma idéia, um exemplo, proposições etc. este incentivo, conscientemente proposital ou não, pôde incentivar ao outro a participar da discussão, mesmo que inconscientemente, a atuar como docente ou discente, ou como participante, contribuinte, interventor ou propositor

¹² Segundo Orlandi (2007), o interdiscursso é a memória quando pensada em relação com o discurso, pois, nesta relação, o sujeito, através da memória discursiva, é capaz de retomar o já dito na base do dizível, sustentando o seu próprio discurso. Este processo pode ser consciente ou inconsciente, e também, a partir das representações imaginárias, antecipar-se ao outro, colocando-se sempre de maneira a atender, através do discurso, as necessidades do outro, segundo o que o sujeito compreende ser estas necessidades, todo este processo é uma relação de força, de sentidos e de formações imaginárias.

sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros.

Através deste dispositivo, o interdiscurso, juntamente com o contexto imediato, influenciaram as ações discursivas dos sujeitos, bem como influenciou o lugar e posição do discurso em que cada sujeito se inscreveu na atividade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os cursos em EAD vêm crescendo quantitativamente num ritmo acelerado, principalmente os que têm como principal suporte a internet, no entanto, os avanços em termos legais e estruturais para este desenvolvimento ainda caminha em passos lentos em nosso país. Um dos principais retrocessos evidenciados a partir deste trabalho de pesquisa, foi o desconhecimento dos sujeitos imbricados neste processo (o professor e o aluno da EAD) por parte das leis que institucionalizam e regularizam esta modalidade de ensino, o que dá a impressão de que esta não tem um público alvo, não sabe ao certo a quem se destina e tão pouco a quais problemas esta modalidade de ensino visa extinguir ou amenizar. Outro grande problema é o muito pouco, ou falta de investimento, tanto em pesquisa quanto em programas do governo, para evidenciar qual é o público que é atendido pela EAD, e a quais potencialmente pode vir a atender.

Tudo isso perpassa ao que compreendemos sobre “o que é” estes sujeitos, “quem são” eles, e a concepção que temos sobre o que é ser discente ou docente. Do mesmo modo que cada um dos sujeitos observados neste estudo, se mostraram influenciados pelo que compreendem de si mesmo e sobre o que compreendem do outro em suas ações, há também uma influência de como a sociedade de um modo geral (sociedade civil e o Estado) compreendem estes sujeitos enquanto tais (docente e discente).

Segundo o que foi observado no curso, a proposta de uma participação ativa de todos os membros de maneira colaborativa, ajudou a amenizar as tensões da relação de poder e do lugar de onde os sujeitos se colocam (docente ou discente) baseados em uma formação imaginária. Daí podemos refletir que, para a construção do conhecimento de modo ativo e participativo, e não o simples ensino que incita a passividade e unidirecionalidade, esta proposta de participação colaborativa pode ajudar a impulsionar e/ou intensificar o desenvolvimento intelectual e cognitivo dos sujeitos, bem como a construção e reconstrução do conhecimento a partir destas multi-interferências e múltiplas referências.

Apesar da proposta colaborativa ter a proposta da não hierarquização de papéis e a livre expressão, garantindo um processo mais fluido de interação, ainda assim foi

observado a manutenção da hierarquia em alguns momentos. Esta manutenção da hierarquia estava diretamente ligada as formações imaginárias sobre qual era o papel que o sujeito compreendia que estava executando, e pelo papel que o outro deveria executar. Ressaltando que, mesmo a proposta colaborativa tendo esta característica da não hierarquização dos papéis, certos momentos é preciso que haja a figura administrativa do processo, que pode ser definida antecipadamente ou não, podendo qualquer sujeito tomar para si esta responsabilidade.

A autonomia dentro do Espaço Virtual, na maioria dos escritos consultados esteve ligado a questão da interatividade e da “arquitetura” destes espaços, o que de fato é um pensamento pertinente, no entanto, a partir das observações durante o contato-imersão com o campo empírico, a autonomia de ação está muito mais ligada ao próprio sujeito que ao ambiente. Não se descarta a importância do ambiente, tão pouco das ferramentas que o mesmo dispõe ao sujeito para que este potencialize as suas ações, o que se sinaliza, é que dentre as diversas possibilidades disponíveis no ambiente virtual, ação do sujeito é determinada por ele mesmo. Isto foi possível se evidenciar quando observado que muitos recursos disponíveis pelo *Moodle* foram pouco ou não utilizados, e como “opção” de recursos, há a liberdade da escolha entre o desenvolvimento de uma atividade a partir de um ou outro recurso.

Outra característica da autonomia dentro do Espaço Virtual foi evidenciado a partir da observação das participações dentro do fórum de discussão que compõe o *Corpus* deste trabalho. Diz respeito ao próprio perfil de atuação, onde o sujeito pode se colocar como participante da atividade, pura e simplesmente, ou de outra forma, como contribuinte, interventor ou propositor, como também pode não participar, deixando evidente a sua ausência temporária. Muito embora tenha-se dado ênfase as questões da presencialidade virtual, mesmo que pouco comentada, a ausência temporária da maioria dos participantes do curso chamou muito a atenção, salientando que o fórum analisado foi o com maior número de postagens (com exceção dos fóruns de boas vindas) dentre três módulos. A questão da ausência temporária no Espaço Virtual é um fator muito importante e que precisa ser discutido por mais pesquisadores da área em outros trabalhos, pois, a insistência deste fato pode significar algo relevante para pensarmos a melhoria dos sistemas da modalidade EAD, está nesta questão particularidades

implícitas que não foram evidenciados neste estudo (que também não é a proposta central), mas que precisa ser discutida.

Outro fato não aprofundado neste trabalho, mas que é de fundamental importância que se volte à atenção é a questão da representação de si mesmo (enquanto um ser que tem história, existência, particularidades e concepções) dentro do Espaço Virtual dos cursos à distância. Daí podemos pensar na figura do Avatar¹³, refletindo sobre quem é realmente a pessoa representada por este. Normalmente a representação de si dentro destes ambientes é feita pela ficha que cada participante preenche no ato de sua inscrição nos cursos à distância, que pode vir acompanhada de uma foto (opcional) que o inscrito eleja para representá-lo visualmente, o que ainda assim é uma representação bastante reducionista daquele sujeito. Normalmente o Avatar tende a ser uma representação reducionista, já que é praticamente impossível representar um indivíduo em sua plenitude, dado a complexidade do ser, mas nada impede pensar, e trabalhar no sentido de que o Avatar possa representar o indivíduo de uma maneira não tão reducionista. O que se percebe é que este reducionismo pode se dar por dois motivos principais, sendo o primeiro o julgamento de que a história do sujeito não é necessária naquele processo, por tanto descartável, e o segundo é o receio do próprio sujeito em transparecer para o outro a sua própria história. De uma forma ou de outra, o que se percebe acontecer é a desvalorização da história singular que cada indivíduo possui dado a uma concepção imediatista de tratamento impessoal por conta do, dentre outros possíveis motivos, modo de vida de produtividade capitalista.

Enfim, há que reconhecer que a modalidade EAD possui muitos prós e contras, mas que pode ser um modelo de educação altamente competente, isto pelo seu enorme potencial de atender a alta demanda de formação por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação, tendo como principal obstáculo, a popularização destas tecnologias. Os sujeitos que fizeram parte da atividade observada mostraram que é possível uma participação interativa sem estar apegados as questões físicas do espaço e

¹³ Avatar é uma figura da religião hindu, que é a manifestação corporal de um ser (divindade) de uma dimensão elevada no plano material do mundo. Na concepção trazida para este trabalho, o Avatar é tudo aquilo (ficha de inscrição, nome, imagem, etc.) que personaliza dentro do Espaço Virtual a pessoa a quem se destina representar.

do tempo, garantindo maior flexibilidade de atuação, mas que ainda é necessário trabalhar muito para popularizar a concepção de um trabalho colaborativo, tanto nos moldes à distância quanto nos presenciais para, quem sabe, no futuro a EAD seja uma opção de meio de formação em que todos possam ter acesso e confiança.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Roberto Moreira. *Estudo Sobre o Decreto 5.622*. Disponível em: <http://www.abt-br.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=326:estudo-sobre-o-decreto-5622&catid=26:polica-educacional&Itemid=80>, acesso em 12 de junho de 2011.

BRASIL; Ministério da Educação e da Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei n°9394/96)*, Senado federal, Brasília: 1996.
_____. *Decreto n° 5.622, de 19/12/05*. Regulamenta o Art. N° 80 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

COSTA, K. S; FARIA, G.G. *EAD – Sua Origem Histórica, Evolução E Atualidade Brasileira Face Ao Paradigma Da Educação Presencial*. Karla da Silva Costa; Geniana Guimarães Faria, 2008. Disponível em: <www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>, acesso em 23 de março de 2011.

DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *presencialidade*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/presencialidade/>>, acesso em 24 de abril de 2011.

DICIONÁRIO ONLINE PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. *Sujeito*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=sujeito>>, acesso em 24 de abril de 2011.

_____. *docente*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=docente>>, acesso em 24 de abril de 2011.

_____. *discente*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=discente>>, acesso em 24 de abril de 2011.

_____. *presença*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=presen%C3%A7a>>, acesso em 24 de abril de 2011.

_____. *presencial*. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=presencial>>, acesso em 24 de abril de 2011.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 2009.a

_____. *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder*. 2009. Tradução parcial do texto: Michel Foucault, “Deux essais sur le sujet et le pouvoir”, in **Hubert Freyfus e Paul Rabinow, Michel Foucault. Un parcours philosophique**, Paris, Gallimard, 1984, pp. 297-321. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sujeitopoder.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2011.b

GARCIA, Rosineide P. Mubarak. *Interatividade*: uma estratégia de negociação em prol da avaliação na Educação a Distância. In: *Tecnologias da informação e educação à distância*/Teresinha Fróes Burnham, Maria Lídia Pereira Mattos (Orgs.). - 2. ed. - Salvador: EDUFBA, 2010. p. 149-174.

GIL, A. C. . *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4a.. ed. São Paulo: Atlas, 2002. v. 1. 171 p. Disponível em: <<http://www.ziddu.com/download/11969469/ComoElaborarProjetosdePesquisa.pdf.htm>>. Acesso em agosto de 2011

LAGO, Andréa Ferreira; FRÓES BURNHAM, Teresinha. *Interação em um grupo de discussão on-line*: análise do tema “sentido de comunidade” num curso a distância sobre “Comunidades de Aprendizagem Distribuídas”. In: *Tecnologias da informação e educação à distância*/Teresinha Fróes Burnham, Maria Lídia Pereira Mattos (Orgs.). - 2. ed. - Salvador: EDUFBA, 2010. p. 267-298.

ORLANDI, ENI, P. . *Análise do discurso: princípios e procedimentos*/ Eni P. Orlandi. 7ª Edição, Campinas, SP: Pontes, 2007.

SANCHES, Marise Oliveira. *Construção Colaborativa do Curso de Formação de Gestores do Conhecimento Através da EAD*. Salvador, 2011, 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. - (Coleção Milton Santos; 1)

TSUNODA, D. F. ; RAMALHO, L. . *A construção colaborativa do conhecimento a partir do uso de ferramentas Wiki*. In: VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 2007, Salvador. VIII ENANCIB, 2007. Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--240.pdf>>, acesso em agosto de 2011.

VASCONCELOS, S. P. G.. *Ensino a Distância*: histórico e perspectivas. In: VIII Fórum de Estudos Lingüísticos, 2005, Rio de Janeiro. Anais do VIII Fórum de Estudos Lingüísticos, 2005.

VYGOTSKY, L. S.. *Pensamento e Linguagem*/ Lev Semenovitch Vygotsky; tradução Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. – 2. ed. – são Paulo: Martins Fontes, 1998. – (Psicologia e Pedagogia).

GLOSSÁRIO

(forma)ação – diz respeito aos conhecimentos prévios (formais ou informais, acadêmicos ou da experiência do cotidiano informal) evidenciados no discurso/ação do sujeito, na forma de agir, expressar-se e atuar em determinado contexto. Obs.: conceito formulado pelo autor.

Ausência – constatado durante todo o processo de prospeção do campo empírico o fato de não haver registro de entrada ou saída de alguns participantes em determinadas atividades, denotando desta forma, a completa não participação em determinada atividade, neste caso, compreendida como ausência.

Ausência temporária – este termo sinaliza a não participação em determinada atividade, porém, não descarta a participação em outras atividades. Demarca a falta em uma atividade ou parte dela, e não uma falta total em todo o contexto da determinada atividade ou curso.

Avatar – representação da pessoa dentro do espaço virtual. Esta representação pode ser feita através de figuras de qualquer tipo, bonecos, códigos, nome fictício ou verdadeiro, personagens, ficha de inscrição, dentre outras formas que evidenciem a participação de uma determinada pessoa naquele espaço virtual.

Educação a Distância (EAD) – modalidade educacional que se utiliza de meios tecnológicos e/ou midiáticos para desenvolver atividades de ensino e aprendizagem em tempo e local distintos segundo o descrito no Art. 80 da LDB.

Espaço Físico – relativo à idéia que se assemelha ao conceito de “lugar” defendido por Milton Santos (2006), que o trata como o espaço vivido, das vivências, do cotidiano, onde as relações humanas acontecem. Desta forma, o Espaço Físico aqui compreendido não é necessariamente o oposto ao Espaço Virtual, mas, diferente deste, é onde a realidade material e concreta acontece a partir das vivências, sendo palpável e diferente da abstração.

Espaço Virtual – espaço não físico gerado pelas possibilidades e potencialidades originadas por uma das novas tecnologias da informação e comunicação, a internet. Apesar de o Espaço Virtual ser tão verdadeiro e manipulável, o que o diferencia do Espaço Físico é que o Espaço Virtual é uma abstração do real.

Interação – processo que ocorre através do exercício da(s) linguagem(ns) entre dois ou mais sujeitos em diferentes níveis cognitivos (para aquele momento ou atividade) reunidos em um contexto. (VYGOTSKY, 1998)

Interatividade – processo de participação dos sujeitos através da tecnologia na construção coletiva por meio de intervenção, possibilitando a criação de hipertexto, uma

vez que os vários aspectos se interligam e dialogam entre si. (SILVA, 2000, p. 105 apud GARCIA, 2010, p. 157)

Mediação – Vygotsky (1998) elemento intermediário em uma relação do sujeito e o objeto de sua ação, uma vez que o ser humano não interage diretamente com o meio, mas através de signos e instrumentos. Neste caso entendemos, a partir de então, como o processo que ocorre quando a ação de um sujeito (elemento intermediário) interfere na ação de outro sujeito através da linguagem (signos, significados e significações) como um instrumento de interação e “controle” dos eventos pretendidos nas relações entre os sujeitos com outros sujeitos, e entre os sujeitos com o objeto de sua ação.

Particularidade explícita – questões referentes ao cotidiano particular do sujeito em questão fora do ambiente do curso que influenciou direta ou indiretamente no seu desempenho, e exposto abertamente pelo próprio sujeito.

Particularidade implícita – questões referentes ao cotidiano particular do sujeito em questão fora do ambiente do curso que influenciou direta ou indiretamente no seu desempenho, não exposto abertamente pelo próprio sujeito, sendo evidenciado por outros sinais que apontem tal peculiaridade. Neste sentido, a particularidade implícita é uma especulação baseada em fatos evidenciados no ambiente, mas que podem ou não ser passíveis de outros tipos de interpretações.

Presença – para este trabalho entendemos o referido conceito conforme o descrito no dicionário online Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: “*s. f. 1. Existência ou comparência de uma pessoa num lugar*”. Desta forma, a presença aparece como elemento fundamental para o desenvolvimento de qualquer atividade dentro do Espaço Virtual. A presença, neste caso, pode ser considerada apenas pelo simples fato de, no determinado momento daquela ou outra atividade, a entrada de determinado sujeito foi registrada dentro do ambiente, mesmo que o mesmo não tenha prestado nenhuma ou muito pouca contribuição.

Presencial – referente a qualquer atividade ou modalidade de ensino que ocorre em um Espaço Físico.

Presencialidade – entende-se o referido conceito conforme o descrito no dicionário online de português: “*s.f. Qualidade ou estado de presencial*”. Sendo assim, a presencialidade vai além do conceito de presença ou presencial, uma vez que esta é compreendida como “qualidade”, logo, o que se avalia nesta categoria é a qualidade (no sentido de especificações) da presença, do fato ou atividade presencial, do envolvimento com determinada atividade e as formas de intervenção.

Presencialidade virtual – é a forma de presencialidade evidenciada no espaço virtual.

Sujeito contribuinte – classificação referente ao sujeito que, em seu discurso/ação, traz novas informações, visando acrescentar novas questões à discussão que se segue, sem

no entanto intervir no sentido da discussão.

Sujeito interventor – classificação referente ao sujeito que, em seu discurso/ação, acaba por proporcionar um novo sentido ao curso da discussão em questão, quer seja pela mudança radical deste sentido, ou elucidando a questão de tal forma que a discussão em si se amplie.

Sujeito participante – classificação referente ao sujeito que, em seu discurso/ação, apenas participa da discussão sem intervir no sentido do curso da discussão, ou prestando pouca ou nenhuma contribuição para a discussão em questão.

Sujeito propositor – **classificação referente ao sujeito que, em seu discurso/ação, primeiro** propõe a discussão que se seguirá, geralmente quem abre o fórum de discussão, ou quem faz novas propostas de trabalho para o conteúdo da discussão em questão.

Tempo – sequência de fatos em ordem de acontecimento; tempo cronológico ou o momento em que um evento ocorre. A única característica especial ao “tempo” que aqui é tratado, é que este não necessita estar associado ao espaço físico, e também pode ser flexível para que uma determinada atividade ocorra em seus processos dinâmicos de interação e interatividade.

APÊNDICE A

INFORMAÇÕES GERAIS

DADOS BÁSICOS

Equipe/Módulo	M03	Temática	Psicologia da Aprendizagem
----------------------	-----	-----------------	----------------------------

FÓRUM/TÓPICO

INFORMAÇÕES DE CONTEXTO

Data/hora de criação	01/07/2008 – 17h35min	Título	Glossário de experiências
Responsável pelo fórum/tópico	[01/03/03]	Perfil	Docente/Tutor

Proposta

Proposta inicial do fórum/tópico:
(copiar e colar)



Vamos enriquecer o glossário de Psicologia da Aprendizagem com suas experiências?!

Trabalhando com suas memórias, mais o vocabulário próprio deste módulo, ou mesmo com palavras que já estejam no glossário, conte-nos um caso, uma experiência vivida, em que você tenha percebido estas palavras acontecendo “ao vivo”.

Nosso objetivo é construir “significados vivos” para os processos de aprendizagem.

Utilize um editor de texto e sua capacidade de síntese para que seu relato caiba em uma página. Se preferir revele-nos sua experiência com uma imagem.

Vamos comentar e interagir com as experiências dos colegas!

Esperamos por tod@s!

Equipe M03

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[03/03/74]	Perfil	Discente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	02/07/2008 – 23h21min	Ordem	2º (1 de 4)		

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

Olá gente, [1]

Essa provocação me levou a buscar os registros do Curso Online Sala de Aula Interativa que fiz com [01/03/06] [2], onde ele nos convocou, a partir de um Fórum intitulado “Eu aprendiz”, para uma reflexão em torno da deformação política do aprendiz em sala de aula onde prevalece a pedagogia da transmissão [3]. Sugeri que refletíssemos sobre as produções que considerássemos valiosas para o tratamento político da participação em sala de aula presencial, em particular, na perspectiva da educação cidadã. Ao mesmo tempo, que levássemos em consideração a mídia de massa e a formação dos receptores. [4]

O trecho abaixo foi usado para incitar para o debate [5]:

”Vem do Iluminismo a crença na escola como lugar destinado a formar cidadãos esclarecidos , senhores do seu próprio destino, da sua história. Entretanto a sala de aula convive tradicionalmente com um impedimento de base ao seu propósito primordial. Ela não contempla a participação do aluno na construção do conhecimento e da própria

comunicação. O grande discurso moderno centrado na educação escolar sempre conviveu esse impedimento: o peso de uma tradição formulada pela tradição moderna assenta-se no modelo penso, logo existo.” [6]

Gostaria de compartilhar aqui minhas inquietações e convidar os colegas para o debate: [7]

Somos sabedores que a forma como fomos educados na família, na escola, na universidade, nos diversos ambientes sociais, como igreja por exemplo influenciam diretamente na nossa forma de ensinar, nas nossas práticas de sala de aula. [8]

Sei que muitos que estão por aqui, assim como eu, somos frutos de uma geração que aprendeu a aceitar tudo em silêncio, sem levantar a voz para expor as suas idéias. Fui criada numa família de extrema direita, a esquerda sempre foi vista como "baderneira". Nesse contexto, cresci, sem me envolver em movimentos sociais. Além disso, fui fruto de uma escola altamente tradicional, transmissora, baseada na lógica da mídia de massa, onde nunca fui estimulada a questionar. [9]

E muitos de nós ainda praticamos essa lei do silêncio nas nossas salas de aula, e continuamos com nossas aulas expositivas, acreditando que ao passar a informação, o sujeito aprende. [10]

Acredito que precisamos realmente de uma transformação nas praticas educativas que mude esse modelo unidirecional de ensino e aprendizagem. Para começar, penso que precisa investir em **formação de professores**, para além da aprendizagem de conteúdos, precisa investir em práticas mais dialógicas, onde eles possam vivenciar tais dinâmicas, que busquem entender como os sujeitos aprendem a sociedade em rede. Pois, como já foi dito e discutido, somos todos frutos do paradigma "tradicional" pautado na visão da ciência clássica, no instrucionismo. [11]

A mudança na educação que a torne mais sintonizada com um pensamento complexo, fundamentado na física quântica e biológica, como tem sido proposto por teóricos como Edgar Morin e outros educadores como Maria Cândida Moraes e [01/03/06], precisa ser incorporado no cotidiano dos educadores. [12]

Segundo esses autores, por traz dessas teorias há fundamentos, como dialogicidade, interatividade, autonomia, entre outros que trazem contribuições importantes para ressignificação da educação, tornando-a mais aberta e mais interativa, e assim formar cidadãos mais participativos, mais sintonizados com as demandas da sociedade atual. [13]

Forma de atuação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
x			

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] - Inicia seu discurso direcionando-o para todos; extrato [2] - conforme a proposta do fórum/tópico relata uma de suas experiências de aprendizagem que teve em outro curso com o participante [01/03/06]; detalha fatos desta lembrança nos extratos [3] e [4]; extrato [5] - anuncia um trecho de um texto usado no debate da experiência relatada; extrato [6] - põe o trecho do texto anunciado e, em seguida; Extrato [7] - se propõe a compartilhar com o grupo as suas inquietações acerca do referido texto; expõe suas inquietações a partir de suas experiências e suas concepções nos extratos [8], [9], [10] e [11]; no extrato [12] cita alguns autores, dentre eles o participante [01/03/06]; no extrato [13] coloca suas internalizações acerca dos autores citados.

O “caminho” que seu discurso percorre sugere uma correspondência à proposta inicial do fórum/tópico, de modo que esse discurso opera a partir da proposta no sentido de pô-la em prática, logo, se aproxima mais do paradigma do ser discente, mesmo, oficialmente, sendo docente no módulo ao qual pertence este fórum/tópico.

Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[01/03/06]	Perfil	Docente/Tutor	Papel	Discente
Data/Hora de participação	03/07/2008 – 02h15min	Ordem	3º (1 de 4)		
<p>Discurso/Extratos: (copiar e colar)</p> <p>Querida [03/03/74] (2º) [1] Sua reflexão desperta em mim forte saudade daquele curso que vc cita. [2] <u>Fui rever o conteúdo, as participações, inclusive as suas que guardo com carinho, e me sinto quase afogado no jorro de fortes lembranças que tomam meu coração neste momento.</u> [3]</p> <p>Até hoje recebo emails e carinho daquela turma. O maior aprendizado que eu trouxe de lá foi o quanto podem ser profundas e ricas a docência a aprendizagem online. Eu sentia a vibração de cada participante. Sentia a respiração, a taquicardia criativa de cada participação nas interfaces fórum e chat principalmente. [4]</p> <p><u>Volto confirmar que raramente experimentei tamanha intensidade em minha experiência de mais de 20 anos em docência presencial. Inclusive, tenho certeza de que melhorei a minha docência presencial a partir daquela experiência online.</u> [5]</p> <p>Passei a trazer para o presencial as dinâmicas das interfaces. [6]</p> <p><u>Apostando nessa transposição aprendi mais sobre interatividade, sobre educação, sobre meu papel nessa história. Obrigado por me fazer voltar no tempo, reencontrar vínculos e confirmar convicções.</u> [7]</p> <p>Forte abraço,</p>					
Forma de atuação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor		
		x			
<p>Interpretação do Discurso: Extrato [1] - Inicia seu discurso direcionando-o para o participante [03/03/74], autor do discurso anterior e de ordem (2º); no extrato [2] o participante interage com a fala do participante [03/03/74], compartilhando das mesmas memórias relatadas; extrato [3] - o participante relata uma ação que realizou impulsionado pelo relato do discurso anterior (2º), logo, o discurso anterior (2º) motivou a ação do participante em retornar em seus arquivos para rememorar as experiências em outro curso; extrato [4] - o participante relata sobre a citada experiência conforme parte do proposto neste fórum/tópico, não atendendo apenas a questão de utilizar o vocabulário da psicologia da aprendizagem ou fazer esta relação; extrato [5] - comenta sobre a intensidade da relatada experiência; extrato [6] - relata que traz para a educação presencial as experiências vividas no referido curso online, tem haver com a psicologia da aprendizagem, mas esta relação não é explicitada; extrato [7] - fala sobre suas convicções, cita a questão da interatividade e agradece ao participante [03/03/74] por fazê-lo lembrar tal experiência.</p> <p>O seu discurso revela uma postura mais próxima do paradigma do ser discente, mesmo sendo docente do presente módulo e fórum/tópico. Além desta postura, o discurso também revela interação entre o presente participante e o participante anterior, conseqüentemente a mediação ocorrida através do discurso.</p>					

Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[06/03/09]	Perfil	Discente	Papel	Docente
Data/Hora de participação	03/07/0000 – 06h55min	Ordem	4º (1 de 3)		
Discurso/Extratos: (copiar e colar)					
<p><u>Prezado [01/03/06] (3º), [1] cada um de nós tem experiências significativas que mostram a força da mediação tecnológica, quando nós professores a aplicamos em nossas classes. Cada professor tem oportunidades extraordinárias de ser interativo, embora nem sempre aproveitemos essas oportunidades. [2]</u></p> <p><u>São essas experiências que nos fazem sentir a força que emana do processo que vivenciamos em nossas convivências com nossos alunos, especialmente ao nos colocarmos no lugar do aluno, que frequentemente tem fragilidades e precisa de nossa compreensão e ajuda. [3]</u></p> <p>Assim como nós precisamos também. É nessa troca que emerge a docência online que nos faz melhor alunos do que professores. É essa modalidade de aprendizagem que estamos tentando aprender em nosso curso... Nossas experiências mais significativas como professores são também aquelas em que aprendemos as lições que não esquecemos sobre ser alunos... [4]</p> <p>Abraços, [06/03/09]</p>					
Forma de atuação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante		Suj. Propositor	
x					
Interpretação do Discurso:					
<p>Inicia o seu discurso direcionando-o ao participante anterior (3º) - extrato [1]; em seguida expõe suas convicções acerca da “experiência”, inclusive citando termos como “experiências significativas”, “mediação tecnológica” e “interativo” – extrato [2]; no extrato [3] comenta sobre a experiência do colega [01/03/06], reforçando seu comentário no extrato [4].</p> <p>Apesar de ser discente no presente fórum/tópico, o participante tem a intenção de interagir com o participante anterior (3º) também como discente, no entanto, se coloca, mesmo que não seja esta a intenção, como docente, na medida em que comenta a respeito da fala do outro, traz em sua escrita alguns termos da psicologia da aprendizagem, e inclusive não relata nada a respeito de sua própria experiência, logo, não atendendo a proposta deste fórum/tópico, porém traz contribuições reflexivas a respeito do discurso anterior (3º) ao seu.</p>					
Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[07/03/17]	Perfil	Docente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	03/07/2008 – 20h30min	Ordem	5º (1 de 8)		
Discurso/Extratos: (copiar e colar)					
 <Teia da Aprendizagem.doc> [2]					

[01/03/03], (1º) [1]

Entrando no labirinto através dessa provocação quero enriquecer o glossário com a imagem que anexo a esta mensagem e com este breve relato. [3]

Entre as memórias de aprendizagem que carrego com carinho destaco uma, ainda relativamente recente: **a da aprendizagem no ciberespaço.** [4]

A escolha da imagem dessa teia luminosa, brilhante, atraente, significa para mim a primeira sensação de insegurança pelo excesso de amplitude.

Afinal, estava tão acostumada a aprendizagens acadêmicas de formato tradicional...

Logo percebi que aquele espaço "sem fim" me permitia navegar, avançar, descobrir, crescer. Em vez de um emaranhado confuso tinha uma lógica, uma tessitura organizada e bela.

Esse grande hipertexto que se oferecia à minha aprendizagem não era, no entanto, o produto solitário do trabalho de uma aranha. Era, na verdade, o produto do trabalho de muitos homens, do conhecimento acumulado por muitas gerações. [5]

Tinha mais o sentido analógico atribuído pelo grande poeta inglês William Blake, gênio rebelde do verso branco e do desenho: "A ave constrói o ninho; a aranha, a teia; o homem, a amizade." [6]

Beijo para todos.

Forma de atuação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
x			

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] – direciona o seu discurso ao participante **[01/03/03]** (1º), responsável pelo fórum/tópico e autor da proposta de atividade do mesmo, indicando que irá corresponder a atividade proposta; extrato [2] - traz um anexo contendo um documento de texto com uma imagem; extrato [3] - fala sobre a intencionalidade da postagem da imagem em anexo, rapidamente da motivação em participar do fórum/tópico e anuncia que irá fazer um relato; extrato [4] - especifica a que tipo de experiência irá relatar; extrato [5] - faz relação da imagem com a experiência que relata, comenta sobre aspectos de diferentes modos de aprendizagem explicitando a lhe foi mais significativa; extrato [6] - cita o trecho de um poema e o poeta autor do poema para ilustrar a imagem e seu relato.

O participante atende a proposta deste fórum/tópico, traz o elemento imagem, não traz em seu discurso explicitamente os termos da psicologia da aprendizagem, mas contribui para o delinear da discussão, muito embora tenha direcionado o seu discurso ao propositor da questão (o responsável pelo fórum/tópico), desconsiderando as outras participações que lhes são anteriores.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[01/03/06]	Perfil	Docente	Papel	Docente
Data/Hora de participação	04/07/2008 – 07h42min		Ordem	6º (2 de 4)	

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

Olá [07/03/17]. (5º) [1]

Gostei dessa teia de aranha que vc anexou ao seu post.



IMG001 [2]

Podemos reparar que tanto a teia quanto o hipertexto são metáforas cada vez mais eloquentes como expressão do nosso tempo e nos ajudam oportunamente em nossas aulas. [07/03/17] lança mão dessa bela imagem da teia no fórum <Brincando de Labirinto> como expressão da sua docência do módulo. Parece que elas, em sua visualidade, ajudam a abrir os canais da nossa percepção para o entendimento do espírito do nosso tempo. Parece que elas ajudam a preparar nosso aparelho cognitivo para a estética da não-linearidade potencializada pelo computador. Afortunadamente, temos estas metáforas para a tarefa de educar na cibercultura. [3]



IMG002

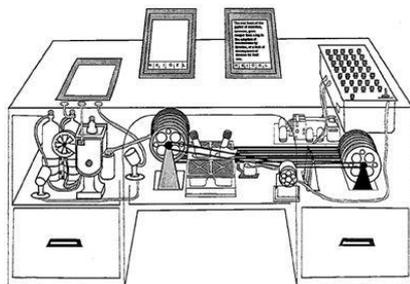
Entretando há quem diga que a teia não tem a mesma eloquência do hipertexto para expressar a ambiência tridimensional da web, do game ou mesmo de um ambiente virtual de aprendizagem. A teia não teria o mesmo potencial do hipertexto para exprimir o paradigma digital. Isto porque o hipertexto é tridimensional como a tela do computador, enquanto a teia seria chapada como a tela da tv. [4]

A idéia de hipertexto foi enunciada pela primeira vez por Vannevar Bush em 1945.



IMG003

Este matemático imaginava um sistema de organização de informações (Memex) que funcionasse de modo semelhante ao sistema de raciocínio humano: associativo, não-linear, intuitivo, muito imediato.

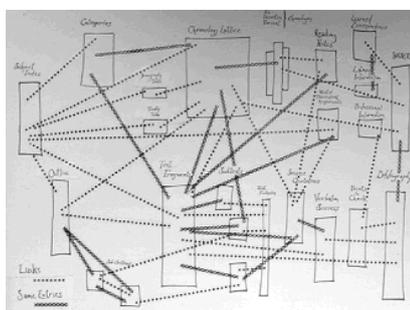


IMG004



IMG005

Nos anos 1960 é que Theodore Nelson criou o termo “hipertexto” para exprimir o funcionamento da memória do computador. Veja os rabiscos do próprio Ted:



IMG006

Arlindo Machado elucida bem o conceito de hipertexto e sua metáfora:

“O que é um hipertexto? Em termos bastante simplificados, podemos explicá-lo da seguinte maneira: todo texto, desde a invenção da escrita, foi pensado e praticado como um dispositivo linear, como sucessão retilínea de caracteres, apoiada num suporte plano. A idéia básica do hipertexto é aproveitar a arquitetura não-linear das memórias de computador para viabilizar textos tridimensionais como aqueles do holopoema



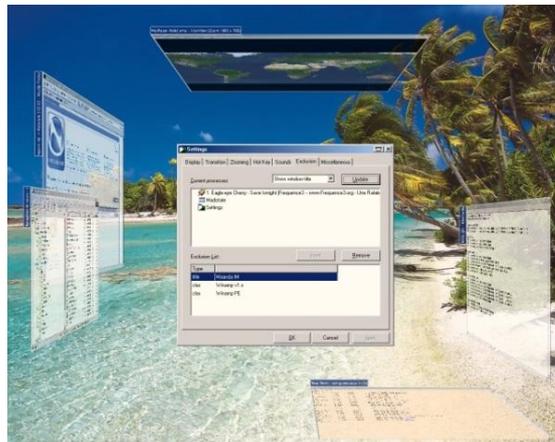
IMG007

porém dotados de uma estrutura dinâmica que os torne manipuláveis interativamente.

A maneira mais usual de visualizar essa escritura múltipla na tela plana do monitor de vídeo é através de ‘janelas’ (windows) paralelas, que se pode ir abrindo sempre que necessário, e também através de ‘elos’ (links) que ligam determinadas palavras-chave de um texto a outros disponíveis na memória.” (MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 186 e 188.)



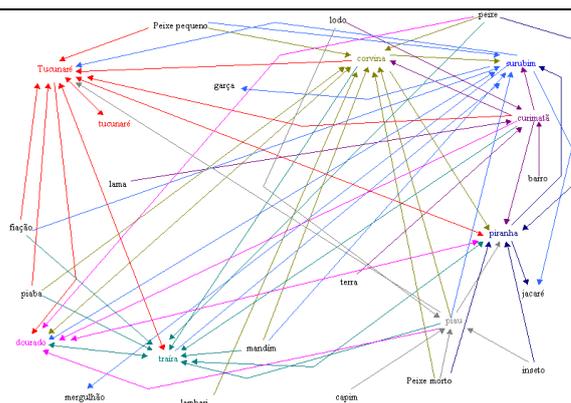
IMG008



IMG009

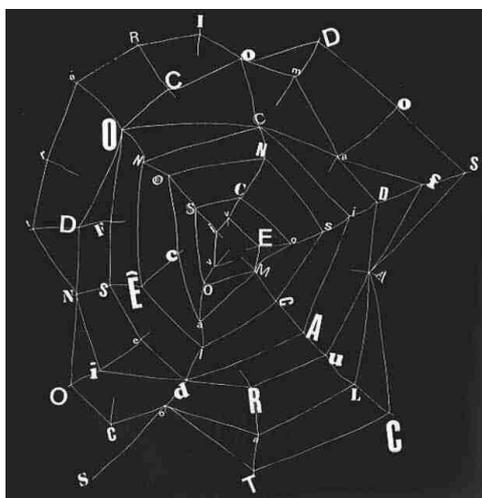
A expressão hipertextual não é privilégio do computador e da web, entretando é o fundamento deles.

E voltando à distinção de hipertexto e teia, podemos dizer que ambos estão manifestos eternamente na natureza, muitíssimo antes da chegada do computador e da internet online. Vejam o exemplo: com as informações obtidas junto aos pescadores, Thé & Nordi construíram a <teia alimentar> dos peixes do Rio São Francisco apresentada a seguir. Diante dela pergunto: é teia ou hipetexto?



IMG010

Podemos dizer que esse mapa da cadeia alimentar dos peixes se apresenta de fato como hipertexto. Algo mais intrincado do que uma teia, mesmo que tridimensional assim:



IMG011

Uma teia de aranha tridimensional nos convida a relativizar a distinção ortodoxa das mestáforas, todavia não nos faz perder de vista que a tela do computador não se reduz à bidimensionalidade ou tridimensionalidade da teia de aranha.. [5]

Forma de atuação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
	X		

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] - inicia o seu discurso direcionando-o para o participante anterior (5º); extrato [2] - faz um rápido comentário acerca da imagem postada pelo participante anterior (5º) e põe a referida imagem (IMG001) no corpo de seu texto; em seguida – extrato [3] – faz relação desta imagem com o hipertexto, tempo, não-linearidade e cibercultura, < posta um link para outro ambiente deste mesmo curso >; extrato [4] - explicita a diferença entre a teia e ambiência tridimensional do ambiente virtual e outra imagem para ilustrar tal diferença (IMG002); extrato [5] - traz mais outras nove imagens, cita autores e suas teorias, constrói um argumento explicativo e alguns links, aprofundando nas questões que ele mesmo trás a partir da leitura da imagem postada no anexo do discurso de ordem (5º).

Comenta sobre o discurso anterior (5º) e aprofunda na questão trazida pelo participante [07/03/17] acerca

do hipertexto.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[01/03/90]	Perfil	Docente/Tutor	Papel	Discente
Data/Hora de participação	04/07/2008 – 11h00min	Ordem	7º (1 de 4)		

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

Olá Pessoal, [1]

Dentre as várias questões interessantes em Manuel Castells, o redimensionamento do tempo e do espaço teorizado por este autor, é o que mais me interessa. [2]

Enquanto lia as colaborações postadas neste fórum, [3] e simultaneamente baixava algumas músicas, conversava com minha esposa sobre as músicas que ela queria, assistia televisão etc., [4] td no mesmo espaço/tempo, percebi que um italiano/a fazia um upload de Águas de Março, por Tom, Caetano e Chico. Interessante ver o quanto esse hiperespaço nos proporciona interações que antes seriam praticamente impensáveis. [5]

É engraçado que, pelo menos para mim, quando tenho algum tipo de dificuldade (por exemplo, me perder em um lugar) a primeira coisa que penso é: se tivesse um aparelho conectado à rede...

Ontem, parte de nossos amigos paulistas ficaram boa parte do dia sem rede. Certamente, não sei o que deve ter sido pior, ficar engarrafados alguns quilômetros nos espaços físicos ou fora dos espaços virtuais... Isso me lembra um pouco <"Náufrago">, onde uma série de aprendizagens são postas em jogo diante de uma situação limite... Impressionante como somos dependentes da rede, na atualidade...

Isso tudo nos afeta nos nossos diversos espaços, cria ou redimensiona nossos tempos, muito embora, existam barreiras convencionadas, por exemplo, o fato do dia ter 24h. Desta maneira, de que forma as tecnologias digitais têm criado espaços / tempos de ruptura desses limites e quais são as aprendizagens que temos lançado mão para driblar-los? Abraços, [6]

[01/03/90]

Forma de atuação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
		x	

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] - inicia o seu discurso direcionando-o para todos os componentes do curso; extrato [2] – cita um determinado autor e o assunto que deste lhe interessa; extrato [3] - revela ter lido as postagens anteriores antes de iniciar a sua participação; extrato [4] - relata estar desempenhando outras atividades enquanto lia as postagens dos participantes anteriores; extrato [5] - relata sobre esta experiência fazendo relação com questões relativas ao tempo/espaço, discussão esta que já havia se iniciado no discurso (5º) e (6º); extrato [6] - aprofunda as questões por ele levantadas no extrato [5], inclusive citando um filme, e situações correlatas.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[01/03/03]	Perfil	Docente/Tutor	Papel	Docente
----------------------------	------------	---------------	---------------	--------------	---------

Data/Hora de participação	04/07/2008 – 20h37min	Ordem	8º (2 de 12)
<p>Discurso/Extratos: (copiar e colar)</p> <p style="text-align: center;"> Olá pessoal!</p> <p>[01/03/90], [1] sua reflexão (7º) sobre os novos arranjos espaço/temporais é muito bem-vinda! [2] <u>As tecnologias digitais conectadas nos permitem vivenciar novas relações com o acesso, a produção e a socialização de informações e conhecimentos. Isso acontece porque estas tecnologias são tecnologias mediadoras. A mediação não é própria das tecnologias em si, mas das dinâmicas de linguagens que fazem emergir. Onde tem signo, tem mediação como diz Santaella. Ao relatar o seu cotidiano em casa com sua esposa e sua relação com a rede já temos aí um exemplo bem concreto. A rede não é extensão do seu músculo. É mediadora de sentidos e significados.</u>[3]</p> <p>[01/03/90] sua questão é muito instigante. Parece até problema de pesquisa. Parece não. É um problema de pesquisa para todos nós que educamos e mediamos a aprendizagem de tantos professores e alunos em nosso tempo. Destaco aqui a questão: "(...) <i>de que forma as tecnologias digitais têm criado espaços / tempos de ruptura desses lóides e quais são as aprendizagens que temos lançado mão para driblar-los?</i>" (7º) [4]</p> <p>[03/03/74] (2º) [5] com seu relato nos apresenta respostas ou pistas para esta questão. [6] <u>Ao trazer em seu relato dados da sua história de vida, nos mostrou claramente os limites das "instituições modernas" (escola, família, partido, escola) estruturados com tempos e espaços físicos bastante demarcados.</u> (2º) [7]</p> <p>Contudo, será que nestes espaços e tempos não podemos aprender em também em rede? (2º) [8]</p> <p>[01/03/06], (3º) [9] você diz que em 20 anos de carreira no presencial você nunca teve tantas emoções e aprendizagens como teve/tem nas suas experiências online. (3º) [10] <u>Por que será? O que muda? O que mudou?</u> [11] [01/03/06] que aprendizagens você tem lançado mão para driblar os limites trazidos na questão levantada pelo [01/03/90]? (7º) [12]</p> <p style="text-align: center;"><u>Será que estratégias de comunicação interativas são aprendizagens?</u> [13]</p> <p>[03/03/74] (2º) [14] <u>fale um mais se inspirando na questão do [01/03/90] (7º)!</u> [15]</p> <p>[01/03/02] e [03/03/73], como vocês que estudam os saberes na docência online lidam com estas questões? [16]</p> <p style="text-align: center;"><u>Pessoal, tragam para cá suas questões e experiências para o glossário.</u> <u>A equipe M03 espera por tod@s</u> <u>!s</u> <u>[01/03/03]</u> [17]</p>			
Forma de atuação			
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
			x
<p>Interpretação do Discurso: Inicialmente cumprimenta a todos, em seguida direciona o seu discurso para o participante [01/03/90] (7º) no extrato [1]; extrato [2] - saúda os comentários deste mesmo participante; em seguida – extrato [3] – põe-se a enriquecer as questões levantadas pelo participante [01/03/90] com suas concepções, inclusive citando um autor, e relacionando com a experiência relatada por [01/03/90]; extrato [4] - torna a comentar a fala do participante [01/03/90], inclusive destacando um trecho de sua fala (7º); extrato [5] - direciona a fala para outro sujeito, o participante [03/03/74], autor do discurso de ordem (2º); extrato [6] - comenta que o relato do participante [03/03/74] responde ou dá pistas para a questão que foi sinalizado pelo participante do discurso em questão nos extratos [3] e [4]; extrato [7] - expõe de que maneira o discurso do participante [03/03/74] responde ou dá pistas para a questão do participante [01/03/90]; extrato [8] - levanta novas questões para o participante [03/03/74]; extrato [9] – direciona o seu discurso para outro</p>			

sujeito, o participante [01/03/06]; extrato [10] - aponta uma questão relativa a fala do participante [01/03/06]; extrato [11] - levanta questões acerca da fala destacada no extrato anterior; extrato [12] - levanta uma nova questão relacionada a fala do Participante [01/03/06] em relação as questões que houvera sinalizado na fala do participante [01/03/90] no extrato [4] do presente discurso; extrato [13] - levanta outra questão destacada em negrito e solta do texto, o que deixa em dúvida se esta é direcionada a um dos participantes especificamente, ou se é uma questão para que todos se disponham a responder; extrato [14] - direciona sua fala novamente para o participante [03/03/74], extrato [15] - propõe que o participante [03/03/74] se coloque mais uma vez, desta vez com elementos presentes no discurso do participante [01/03/90]; extrato [16] - provoca dois participantes do curso que ainda não se manifestaram neste fórum/tópico a darem suas contribuições, uma vez que estudam questões relevantes acerca da discussão que se segue; extrato [17] - provoca aos demais inscritos que ainda não se manifestaram a participar da discussão que se segue no presente fórum/tópico.

Em todo o seu discurso o participante [01/03/03] se põe no papel de docente, fazendo avaliação das postagens dos demais participantes e propondo novas questões, incitando novas reflexões e novas participações dos sujeitos que já participaram e dos que ainda não se manifestaram.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[01/03/03]	Perfil	Docente/Tutor	Papel	-
Data/Hora de participação	04/07/2008 – 20h48min	Ordem	9º (3 de 12)		

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

Olá pessoal!

[01/03/90], sua reflexão sobre os novos arranjos espaço/temporais é muito bem-vinda! As tecnologias digitais conectadas nos permitem vivenciar novas relações com o acesso, a produção e a socialização de informações e conhecimentos. Isso acontece porque estas tecnologias são tecnologias mediadoras. A mediação não é própria das tecnologias em si, mas das dinâmicas de linguagens que fazem emergir. Onde tem signo, tem mediação como diz Santaella. Ao relatar o seu cotidiano em casa com sua esposa e sua relação com a rede já temos aí um exemplo bem concreto. A rede não é extensão do seu músculo. É mediadora de sentidos e significados.

[01/03/90] sua questão é muito instigante. Parece até problema de pesquisa. Parece não. É um problema de pesquisa para todos nós que educamos e mediamos a aprendizagem de tantos professores e alunos em nosso tempo.

Destaco aqui a questão: "(...) *de que forma as tecnologias digitais têm criado espaços / tempos de ruptura desses limites e quais são as aprendizagens que temos lançado mão para driblar-los?*"

[03/03/74] com seu relato nos apresenta respostas ou pistas para esta questão. Ao trazer em seu relato dados da sua história de vida, nos mostrou claramente os limites das "instituições modernas" (escola, família, partido, escola) estruturados com tempos e espaços físicos bastante demarcados. Contudo, será que nestes espaços e tempos não podemos aprender em também em rede?

[01/03/06], você diz que em 20 anos de carreira no presencial você nunca teve tantas emoções e aprendizagens como teve/tem nas suas experiências online. Por que será? O que muda? O que mudou? [01/03/06] que aprendizagens você tem lançado mão para driblar os limites trazidos na questão levantada pelo [01/03/90]?

[03/03/74] fale um mais se inspirando na questão do [01/03/90]!

[06/03/09] você diz "É nessa troca que emerge a docência online que nos faz melhor alunos do que professores. É essa modalidade de aprendizagem que estamos tentando aprender em nosso curso...". [06/03/09] de que "modalidade de aprendizagem" com fala? Você poderia explicar um pouco mais? Como você tem aprendido online?

[01/03/02] e [03/03/73], como vocês que estudam os saberes na docência online lidam com estas questões?

Pessoal, tragam para cá suas questões e experiências para o glossário.

A equipe M03 espera por tod@s

[]s

[01/03/03]

Forma de atuação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor		
-	-	-	-		
Interpretação do Discurso:					
Duplicata da postagem anterior. Isto pode ter ocorrido por um equívoco do próprio sistema, pro erro ou reforço do próprio participante.					
Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[07/03/52]	Perfil	Docente/Tutor	Papel	Docente
Data/Hora de participação	05/07/2008 – 01h47min	Ordem	10º (1 de 7)		
Discurso/Extratos: (copiar e colar)					
Concordo com a [03/03/74] (2º) [1] especialmente quanto a acreditar “ <i>que precisamos realmente de uma transformação nas praticas educativas que mude esse modelo unidirecional de ensino e aprendizagem. Para começar, penso que precisa investir em formação de professores”</i> [2]					
Forma de atuação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor		
		x			
Interpretação do Discurso:					
Inicia o seu discurso direcionado-o ao participante [03/03/74] (2º) colocando que concorda com a mesma - extrato [1]; extrato [2] - cita o trecho da fala do participante [03/03/74] que assume concordar.					
O participante tenta assumir o papel de docente quando afirma concordar com a fala do participante [03/03/74], docente deste módulo, mas que assumiu o papel de discente, seria um espécie de avaliação com negativa ou positiva ao discurso do outro (neste caso positiva), mesmo dando pouca contribuição para a discussão.					
[...]					
Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[08/03/25]	Perfil	Discente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	14/07/2008 – 22h25min	Ordem	56º (3 de 3)		
Discurso/Extratos: (copiar e colar)					
Olá [01/03/90] (54º) e colegas, [1]					
Só um esclarecimento: [2] <u>quando afirmei (46º) que considero o processo ensino-aprendizagem uno, não quis defender que quando o docente ensina, o discente aprende, de modo algum! Mas que no ato de ensinar o docente, mesmo atuando numa perspectiva bancária, aprende a ensinar (ele usa métodos, instrumentos e técnicas específicas)...um ensino, claro, unidirecional, transmissivo, acrítico etc..</u> [3] Se o educando aprende ou não, aí é outra					

história. [4] Nesse horizonte a aprendizagem se processa/acontece ao ensinar, sim, mesmo que o sujeito aprendente não seja o discente. E note que estamos tratando de ensino e aprendizagem sistemáticos, e não da aprendizagem informal (a vida é uma escola), pois bem sabemos que se aprende em espaços e situações diversos ao longo da vida, independente de um mediador (sujeito que ensina). Esses processos estão tão imbricados que, em termos de aprendizagem formal e sistemática (reitero), é impossível o ensino sem aprendizagem e vice-versa. [5]

Abraços,
[08/03/25]

Perfil de participação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
	x		

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] - cumprimenta o participante [01/03/90] e demais participantes, indicando que o seu discurso será direcionado ao participante citado e os cumprimentos aos demais colegas trata-se apenas de cordialidade; extrato [2] - propõe-se a prestar um esclarecimento, mais especificamente sobre a sua fala no discurso de ordem (46º), preocupando-se com o entendimento do participante [01/03/90] acerca de suas colocações exposto no discurso do mesmo na ordem (54º); extrato [3] - faz suas colocações a fim de prestar o devido esclarecimento pretendido; extrato [4] - faz uma ressalva baseado no entendimento de sua colocação no discurso de ordem (46º) exposto pelo participante [01/03/90] em seu discurso de ordem (54º); extrato [5] - continua com novas considerações e argumentações.

Sua participação é motivada pela necessidade que sente de prestar esclarecimentos acerca de sua colocação no discurso de ordem (46º), demonstrando não estar completamente satisfeito com o entendimento do participante [01/03/90] em seu discurso de ordem (54º). Desta forma intervém em alguns pontos da referida compreensão.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[04/01/75]	Perfil	Discente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	14/07/2008 – 22h34min	Ordem	57º (1 de 1)		

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

[01/03/03] (18º) [1]

Vc está provocando questões que abrangem um largo horizonte da Psicologia da Educação e da Educação, mas p/ cada uma poderíamos responder sim e não. [2] Por exemplo, na primeira questão (18º), se falo da EAD online o ensino se encontra separado da aprendizagem em relação ao tempo, espaço e contexto. [3] Porém, p/ planejar um ensino que potencialize a aprendizagem preciso me antecipar e procurar identificar como meu aluno aprende, não um aluno etéreo, mas um aluno concreto situado em determinado contexto. Trata-se de um movimento de contextualizar p/ entender como o aluno aprende e descontextualizar para ajudá-lo a olhar o global a partir de determinado local. [4]

Um autor maravilhoso p/ ajudar a pensar sobre suas questões é Daniels. [5] Veja em: DANIELS, Harry. **Vygotsky e a Pedagogia**. São Paulo: Ed. Loyola, 2003. [6]

Um bj e parabéns pelas excelentes provocações. [7]

Perfil de participação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
x			
<p>Interpretação do Discurso: Extrato [1] - inicia o seu discurso direcionando-o para o participante [01/03/03], indicando unidirecionalidade em sua participação; extrato [2] - faz considerações quanto às formas que as questões apresentadas pelo participante [01/03/03] expôs em seu discurso de ordem (18º); extrato [3] - comenta uma das questões presentes no citado discurso; extrato [4] - responde a questão que se reportou no extrato anterior; extrato [5] - cita um autor que pode contribuir para o aprofundamento sobre a questão levantada; extrato [6] - posta a referência da obra do citado autor; extrato [7] - despede-se parabenizando o citado participante pelas provocações que o mesmo faz, isto demonstra apreço pela forma de atuação do mesmo.</p> <p>Esta é a única participação do presente sujeito neste fórum/tópico, no entanto não corresponde a proposta inicial do mesmo, ao contrário, sua participação se dá pela interação com o participante [01/03/03] em seu discurso de ordem (18º), muito embora o mesmo tenha feito uma convocação ao participante em questão à discussão sobre letramento digital no discurso de ordem (37º). Tal fato demonstra que o participante em questão, antes de postar o seu discurso, de certa forma acompanhou, mesmo que não totalmente, as discussões aqui postadas, e se sentiu provocada a responder a questão presente no discurso de ordem (18º). Traz uma rápida contribuição ao inserir um novo autor para a discussão, além de fazer considerações baseadas em suas concepções e leituras prévias. O tempo que o mesmo demorou para manifestar a sua presença demarca uma ausência temporária a esta atividade.</p>			
Análise da discussão			
Sujeito do discurso	[01/03/06]	Perfil	Docente/Tutor
Data/Hora de participação	14/07/0000 – 23h51min	Ordem	Papel
			Discente
Data/Hora de participação			58º (4 de 4)
<p>Discurso/Extratos: (copiar e colar)</p> <p>[06/02/16] (34º) e colegas [1]</p> <p>A arte, a fotografia, a literatura nos abrem a imaginação. [2] <u>Esta imagem (34º) fez vir à minha mente um trecho que li há 18 anos. Curiosa a nossa memória, não é? Tenho esse trecho guardado comigo até hoje e compartilho aqui:</u> [3]</p> <p>“Torno a repetir: nada de censura, código de ética e estética. Mistura tudo, a tela é uma janela. E quem vai para a janela não vê apenas uma cidade. Vê toda uma realidade. E realidade não tem código de ética. Se tapa a tela, tem que tapar a janela. Tapa a janela, tem que tapar o mundo. E com uma peneira! E não adianta os nostálgicos naturebas afastarem as crianças das telas. As crianças jamais trocarão a TV [e o computador] por um pé de manacá. Um dia perguntei a um menino se ele já tinha visto um pato, respondeu: “Já, na televisão”. E eu vou chorar por isso? E criança precisa de pé de pato, isso sim.” José Simão – Folha de S. Paulo, 22/08/90 [4]</p> <p><u>Para mim este garoto da imagem postada por [06/02/16] (34º) está dizendo que não adianta tapar o sol com a peneira.</u> [5] Como a arte e a fotografia, essa literatura de José Simão tb me abre a imaginação, a memória... infinitos hipertextos nos labirintos da nossa mente. [6]</p> <p>Abraços,</p>			

Perfil de participação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor		
		x			
<p>Interpretação do Discurso: Extrato [1] - cumprimenta o participante [06/02/16] e demais participantes, indicando que o seu discurso será direcionado ao participante citado e os cumprimentos aos demais colegas trata-se apenas de cordialidade; extrato [2] - faz uma rápida consideração a cerca da arte da fotografia, uma preparação para o comentário que seguirá; extrato [3] - comenta sobre a imagem postada pelo participante [06/02/16] no discurso de ordem (34º) conforme recomendou o participante [01/03/03] (responsável por este fórum/tópico e um dos docentes tutores deste módulo) no discurso de ordem (36º) e presta-se a postar algo que lhe suscita a memória; extrato [4] - realiza a referida postagem, o trecho de um texto; extrato [5] - faz uma rápida leitura da imagem postada pelo participante [06/02/16] no discurso de ordem (34º); extrato [6] - faz novas considerações intercalando sua primeira consideração, a leitura da imagem e o trecho do texto postado.</p> <p>Motivado pela provocação do participante [01/03/03] (responsável por este fórum/tópico e um dos docentes tutores deste módulo) no discurso de ordem (36º), e pela própria a imagem postada pelo participante [06/02/16] no discurso de ordem (34º), o participante em questão faz suas considerações e mais uma vez demarca a sua participação, sendo esta unidirecionada.</p>					
Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[06/03/09]	Perfil	Discente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	15/07/0000 – 07h08min	Ordem	59º (2 de 3)		
<p>Discurso/Extratos: (copiar e colar)</p> <p>[04/01/75], [1] ratifico a indicação do livro de Daniels (57º), [2] <u>que já consultei e considerei muito bom para esclarecer dúvidas relativas às idéias de Vigotski</u>, [3] [06/03/09]</p>					
Perfil de participação					
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor		
		x			
<p>Interpretação do Discurso: Extrato [1] - direciona o seu discurso ao participante [04/01/75]; extrato [2] - expões estar de acordo com a indicação do autor e obra feita pelo participante [04/01/75] em seu discurso de ordem (57º); extrato [3] - expõe ter tido contato com a obra citada e ter lhe ajudado, mas não especifica se este contato com a referida obra tinha sido feito antes da indicação presente no discurso de ordem (57º), ou se foi motivado por esta indicação.</p> <p>Rápida participação para elogiar a indicação de uma obra feita pelo participante [04/01/75] em seu discurso de ordem (57º), sem mais contribuições.</p>					
Análise da discussão					
Sujeito do discurso	[06/03/09]	Perfil	Discente	Papel	-

Data/Hora de participação	15/07/0000 – 07h08min	Ordem	60º (3 de 3)
Discurso/Extratos: (copiar e colar)			
[04/01/75], ratifico a indicação do livro de Daniels, que já consultei e considerei muito bom para esclarecer dúvidas relativas às idéias de Vigotski, [06/03/09]			
Perfil de participação			
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
-	-	-	-
Interpretação do Discurso:			
Duplicata da postagem anterior. Isto pode ter ocorrido por um equívoco do próprio sistema, ou um reforço do próprio participante.			
Análise da discussão			
Sujeito do discurso	[06/03/56]	Perfil	Discente
Papel	Discente		
Data/Hora de participação	17/07/2008 – 23h04min	Ordem	61º (1 de 2)
Discurso/Extratos: (copiar e colar)			
[01/03/03]. [1]			
Li todas as respostas e acho que tenho muito pouco a acrescentar. Também não tenho respostas para seus questionamentos. [2] <u>Numa questão, porém, eu acho que tenho uma idéia formada; não sei se a certa, mas aí vai:</u> (O-NL) [3]			
Pode haver ensino sem aprendizagem como também pode haver aprendizagem sem ensino. Um professor pode ensinar um conceito e nenhum de seus alunos aprender o que ele ensina, assim como um aluno pode aprender sem que ninguém tenha ensinado, pegando um livro e estudando por conta própria.			
O que importa é que os alunos aprendam, não que os professores ensinem. Nessa perspectiva, o bom professor não é o que ensina muitas coisas, mas sim aquele que consegue que seus alunos aprendam efetivamente aquilo que ensina. [4]			
Bjs,			
Perfil de participação			
Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
		x	
Interpretação do Discurso:			
Extrato [1] - inicia o seu discurso direcionando-o para o participante [01/03/03] (responsável por este fórum/tópico e um dos docentes tutores deste módulo), indicando unidirecionalidade em sua participação e preocupação em corresponder somente à propositora da atividade deste fórum/tópico; extrato [2] - expõe que acompanhou a toda a discussão realizada pelos demais participantes até o momento, e sendo a sua primeira participação após 16 dias de discussão, afirma não ter muito a acrescentar, possivelmente por achar que “tudo” já foi dito, também afirma não ter respostas às provocações feitas pelo participante [01/03/03] por todo o fórum/tópico, esquecendo-se da proposta inicial; extrato [3] - faz uma ressalva com relação a sua colocação no extrato anterior, expondo que em uma questão o mesmo pode se posicionar, porém, não especifica qual é a questão; extrato [4] - faz suas considerações a partir da questão que houvera se referido.			

Esta é a primeira de duas participações, faz uma consideração particular a cerca de uma questão não explicitada, mas presente na discussão deste fórum/tópico. Direciona a sua fala a apenas um participante, mas sem prestar muitas contribuições. O tempo que o mesmo demorou para manifestar a sua presença demarca uma ausência temporária a esta atividade.

Análise da discussão

Sujeito do discurso	[06/03/56]	Perfil	Discente	Papel	Discente
Data/Hora de participação	17/07/2008 – 23h54min		Ordem	62º (2 de 2)	

Discurso/Extratos:

(copiar e colar)

Olá, pessoal! [1]

Tentando colaborar: [2]

Na verdade o letramento digital põe “em cheque” a forma tradicional de aprender. [3] Ao buscar outras fontes de informação, fora dos limites do professor ou do livro didático, os alunos mostram um perfil novo, não se limitando mais à idéia de um depósito de informações. [4] Ao criar a expressão “educação” bancária o mestre Paulo Freire se posiciona contra a idéia de ensino-aprendizagem como preenchimento das mentes vazias do aluno. [5]

Abs,

Perfil de participação

Suj. Contribuinte	Suj. Interventor	Suj. Participante	Suj. Propositor
		x	

Interpretação do Discurso:

Extrato [1] - cumprimenta a todos, o que dá a entender que o seu discurso não será unidirecionado; extrato [2] - expõe o intento em colaborar para a promoção das discussões; extrato [3] - inicia as suas considerações a respeito de um tema iniciado no discurso do participante **[08/02/12]** na ordem (17º) e retomado pelo participante **[01/03/03]** em seu discurso de ordem (19º); extrato [4] - prossegue com suas considerações; extrato [5] - cita um autor e seu pensamento fazendo novas considerações e relacionando com o que já houvera dito no extrato anterior.

Retoma uma discussão, faz suas considerações e traz um autor e seu pensamento para reforçar a sua concepção acerca do tema retomado, mas não presta muita contribuição, visto que o que o participante trouxe já havia sido exposto por outros participantes anteriormente.

Discussão encerrada